

ERYKA VANESSA DE SOUSA LIRA

**O IMAGINÁRIO DA MORTE EM GOIABEIRA
(PB): OS RITOS COMO CONTINUIDADE E
REELABORAÇÃO DA TRADIÇÃO HISTÓRICA.**

Campina Grande, novembro de 2006

ERYKA VANESSA DE SOUSA LIRA

**O IMAGINÁRIO DA MORTE EM GOIABEIRA (PB): OS RITOS COMO
CONTINUIDADE E REELABORAÇÃO DA TRADIÇÃO HISTÓRICA.**

**Monografia apresentada à
coordenação do curso de História
em cumprimento ao requisito
obrigatório para a obtenção do
título de licenciado em História.**

ORIENTADOR: ROBERVAL DA SILVA SANTIAGO.

Campina Grande – PB

Novembro de 2006



Biblioteca Setorial do CDSA. Março de 2024.

Sumé - PB

DEDICATÓRIA:

A Ashley com todo amor e
carinho.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho tornou-se possível graças ao apoio dado pelas pessoas abaixo enunciadas, as quais serei eternamente grata pelas suas colaborações diretas ou indiretas, essas foram responsáveis por esta atividade de fim de curso e por eu ter chegado até aqui.

Primeiramente agradeço a Deus por ter me dado força espiritual e física para conseguir realizar este trabalho.

A minha mãe, por todo o carinho e responsabilidade que sempre teve com a minha filha, e por todas as vezes que rezou e torceu por mim para que eu alcançasse todos os sonhos possíveis e imaginários na minha vida. Ao meu pai pelo apoio e por todo o carinho e dedicação dado durante todos estes anos. A minha filha Ashley por entender a minha ausência durante todo este tempo.

Agradeço de coração a comunidade de Goiabeira, e principalmente as pessoas entrevistadas, cuja convivência e colaboração resultaram em parte significativas quanto à produção deste trabalho.

Não poderia deixar de agradecer a Roberval, meu orientador, pois ele me fez perceber o quão capaz eu sou, sempre me dando força e alguns puxões de orelha, sei que foi para o meu bem, prova disto que estou aqui hoje finalizando mais uma etapa da minha vida, em que muitas se iniciam.

Agradeço também aos meus amigos e companheiros da faculdade, Wagner (Baraúna), Lenilson, Verônica, Márcia, Débora, Chiara, Paloma, Elton, Aline, Hilma, Vadirene, Macio (PM); com os quais dividi as mais diversas sensações de angústia e prazer, as quais estamos sujeitos na academia.

A Felipe Pires agradeço de coração, meu amigo e companheiro, pois a ele sempre terei gratidão por cada segundo de dedicação, de auxílio, de atenção, de carinho e por todas as suas palavras de incentivo e força sempre presentes. Uma pessoa maravilhosa que me fez acreditar no meu eu interior, extraindo dele muita energia positiva para continuar seguindo nesta eterna jornada da vida.

Não poderia deixar de agradecer a minha eterna professora Maria Liège Freitas, pois com ela aprendi que ser uma pessoa transparente é o essencial para uma consciência tranqüila, foi com quem aprendi a realmente fazer uma verdadeira resenha e foi com ela que aprendi a atravessar todos os obstáculos existentes na academia.

Agradeço de coração ao professor Herry e ao professor Faustino por aceitar participar da minha banca, a vocês o meu muito obrigada.

Enfim, agradeço até aquelas pessoas que tentaram fazer com que eu desistisse, pois ao contrário, me deram mais força e coragem para que eu continuasse na busca da realização dos meus ideal.

RESUMO

A morte é um fenômeno natural. Todo ser vivo morre. O medo da morte desenvolveu a sua ritualização ao longo da história humana. Das sociedades primitivas às grandes civilizações da Antiguidade Oriental; Do Ocidente pré-cristão às sociedades pós-modernas, o ser humano ritualiza a morte sob os mais diversos elementos e formas de representação construindo imaginários e culturas. O imaginário sobre a morte dos moradores do Sítio Goiabeira, no Sertão da Paraíba se caracteriza como continuidades e reelaborações dos elementos rituais desenvolvidos ao longo da história.

PALAVRAS-CHAVE: Morte, ritos, cotidiano, tradição.

“A idéia da morte me deixa morto de medo”.

(William Dunbar – poeta Escocês, 1460-1520).

**“Não há nada mais penoso para os mortos do que a
alma errar à toa”. (Homero – poeta Grego, c. 850 a.C.).**

“A morte destrói, mas a vida deprava”.

(François Mauriac – escritor francês, 1885-1970).

SUMÁRIO

Introdução.....	09
Capítulo I	
Morte: A Trajetória do Medo no “Silêncio dos Inocentes”.....	12
Parte 1: Os Ritos da Morte na Antiguidade Oriental.....	12
Parte 2: Os Ritos da Morte no Ocidente Cristão.....	23
I.a. Os cemitérios e os túmulos.....	27
I.b. O Fim do luto.....	34
Capítulo II:	
Goiabeira: História, Tradição e Cotidiano.....	37
II.a. O Espaço.....	40
II.b. A Sobrevivência.....	40
II.c. O Cotidiano.....	41
II.d. O Lazer.....	43
II.e. A Festa de Casamento.....	46
Capítulo III:	
A Ritualização da Morte em Goiabeira: permanências e reelaborações da tradição histórica.....	51
III.a. Os ritos da morte em Goiabeira.....	54
III.b. Elementos rituais e diferenciação em Goiabeira.....	56
III.c. Decifrando significados e estabelecendo relações.....	57
Considerações Finais.....	71

Introdução

Morte. A simples menção dessa palavra é suficiente para quase todo ser humano ficar com medo e evitar menciona-la.

O que é a morte? Difícil de dizer. Pois como a morte em si não pode ser experienciada, não se pode defini-la, conceitua-la na prática, mas apenas na esfera do imaginário.

O imaginário sobre a morte pode ser apreendido através dos ritos como representação da morte.

Esse medo foi o primeiro motivo pelo qual nos propusemos a pesquisar os rituais da morte; o segundo motivo foi em função da curiosidade que nos despertou a tradição de uma comunidade rural no município de Cajazeiras - PB: o luto. Vestuário preto, do qual poucas vezes ouvir falar, e nunca havia visto.

Nas nossas andanças, pelas zonas rurais de Cajazeiras, acompanhada de familiares, no final de 2005, vimos pela primeira vez uma senhora vestida totalmente preto em sinal de luto do marido que havia morrido há mais de um ano, na comunidade (sítio) de Goiabeira.

Meses depois, decidimos, numa atitude ousada, pesquisar sobre a morte, os seus rituais, suas representações.

Assim, a nossa proposta aqui, constitui em estudar o imaginário dos moradores da comunidade de Goiabeira sobre a morte, através da observação dos seus ritos com os demais nas diversas culturas.

Para tanto, munidos de bibliografia especializada, decidimos realizar uma pesquisa de campo onde, além da observação direta dos rituais sobre a morte, durante um velório – vale informar que conhecemos bem a comunidade, pois freqüentamos desde criança, pelo fato de possuir parentes lá – procedemos a uma série de entrevistas. Entretanto, considerando a heterogeneidade da população, escolhemos, pois algumas amostras representativa desta, segundo a idade, sexo, e atividade, as quais expomos aqui:

Dona Maria Divina (76 anos, rezadeira);

Dona Geruza (34 anos, professora primária);

Senhor Francisco Alves (78 anos, agricultor);

Inácio (23 anos, agricultor);
Dona Zefinha de Né (52 anos, agricultora);
Janete (8 anos, estudante);
Dona Quitéria (67 anos, agricultora, rezadeira);
Senhor Luís Tota (comerciante/agricultor);
Senhor Braz (57 anos, agricultor/coveiro);
Dona Gerluce (44 anos, costureira, rezadeira);
Oswaldo (artesão/carpinteiro);
Marenilson (17 anos, estudante);

As entrevistas foram realizadas entre os dias 08 e 09 de setembro; 29 e 30 de setembro; e 12 e 13 de outubro de 2006.

O objetivo das entrevistas foi o de formamos um arcabouço de informações que nos permitisse inferir conclusões acerca do imaginário da população local sobre a morte.

Para o êxito das inferências, para efeito de análise, a comparação dos ritos desenvolvidos ao longo da história humana com os ritos praticados em Goiabeira: perceber permanências, continuidades, descontinuidades, reelaboração, ou desenvolvimento de novas práticas rituais nessa comunidade.

Assim, expomos o nosso trabalho dividido em três capítulos:

No primeiro capítulo, abordamos em diversos livros os ritos sobre a morte, historicamente construídos ao longo do tempo, desde as culturas primitivas, às principais civilizações históricas da Antiguidade Oriental – Suméria, Babilônia, Egito, Índia e China -, finalizando com o Ocidente Cristão. Não seguimos uma ordem cronológica dos fatos rituais, pois privilegiamos apenas alguns ritos que consideramos mais interessantes em cada civilização.

No segundo, procuramos explicar a história do cotidiano da comunidade de Goiabeira, traçando algumas relações sobre o tempo e o espaço nesta. Isto porque, acreditamos ser estes fatores de suma importância para a geração de alguns aspectos do imaginário da comunidade.

No terceiro, expomos os ritos e as práticas rituais da morte em Goiabeira e, ao mesmo tempo, procedemos análises através da comparação destes com os das diversas culturas e épocas, no Brasil e no Mundo, estabelecendo relações de diferenças.

Finalizando, apresentamos as nossas inferências, como considerações finais, onde, vale lembrar, são limitadas a um grupo em tempo e espaço definidos, tornando-as difíceis de serem generalizadas, o que, evidentemente, não diminui em absoluto sua importância para a compreensão da história da cultura e do imaginário da comunidade de Goiabeira.

Outrossim, lembramos, pois, que o trabalho apresenta suas limitações, pois trata-se de uma breve análise sobre o tema citado acima. O que, por outro lado, não impede de o aprofundarmos em pesquisas posteriores, mais amplas e apuradas, o que nos propomos fazer na monografia do bacharelado.

I Capítulo

Morte: A Trajetória do Medo no “Silêncio dos Inocentes”

É pouco provável que na história do ser humano algo tenha sido mais objeto de reflexão do que a morte. Medo, angústia, resignação, curiosidade, são termos comuns aos seres humanos em volta da morte.

Mas o que é a morte? A resposta a essa indagação pode ser compreendida através de uma gama de significados: o fim da existência; a passagem para outra vida; uma purificação para um outro mundo; uma punição por um mal cometido; uma compensação por uma vida de sofrimento; um início de reencarnação; um prêmio como perpetuação da memória; a elevação da alma; a separação do espírito do corpo; a energia para outras vidas; o encontro com Deus; a paz com a natureza, etc. Enfim, muitos são significados que acompanham seu ato de morrer. Estes são, pois, elaborados e reelaborados, simbolizados e aceitos na intersubjetividade da cultura de um povo, e que constitui no fundo, a sua visão de mundo.

Entretanto, não se pode negar que o medo da morte faz parte da trajetória humana, reassignificando a vida. Tal assertiva serve para confirmar algo que já temos consciência – a ambigüidade que reveste o morrer. Tal ambigüidade – reassignificar a vida – nos permite compreender um pouco da história da humanidade através da ritualização da morte nas diversas culturas, desde as primitivas.

Parte 1: Os Ritos da Morte na Antiguidade Oriental

Segundo Veit Valentin (1972), citando Lucrecio, o medo da morte foi o grande criador dos Deuses e com estes originou-se a religião. Esta, por sua vez, dar origem e desenvolvimento às diversas formas de rituais sobre a morte.¹

De acordo com este autor, a vida primitiva era repleta de perigos, sendo raro a morte natural; os indivíduos morriam cedo pela violência ou pelas doenças. Daí o

¹ VALENTIN, Veit. *História das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1972.

homem primitivo não crer que a morte fosse algo natural; atribuía-a a efeitos de agentes sobrenaturais.

Na mitologia dos nativos da Nova Bretanha a morte veio para os homens em função dos erros dos deuses; o bom Deus Cambinana disse ao seu irmão Korvouva: “Desce até os homens e dize-lhe que mudem de pele. E dizer às serpentes que elas terão de morrer”. Korvouva trocou os recados; deu o segredo da imortalidade às serpentes e deu a morte aos homens. Assim as tribos da região pensavam que a morte era devida ao enrugamento da pele, e que o homem escaparia dela se pudesse mudar de pele como as serpentes.

Medo da morte, admiração diante da causa das coisas e dos acontecimentos ininteligíveis, esperança de auxílio divino e gratidão pelo bem que acontece, tudo isto contribuiu para o surgimento dos ritos sobre a morte. Admiração e mistério ligavam-se em especial aos sonhos. Muitos povos primitivos maravilhavam-se diante dos fantasmas que viam durante o sono e aterrorizavam-se quando lhes apareciam em sonhos a imagem de parentes e amigos mortos. Assim, enterravam os mortos a fim do que não voltassem à Terra; com eles enterravam os seus pertences, com medo de estes virem persegui-los. Outras medidas complementares eram adotadas: às vezes, após o enterro, mudavam de casa; ou quando não pretendiam mudar da casa, retiravam o morto por um buraco aberto na parede e circulavam com este por três vezes ao redor da casa para que, assim, o espírito do morto esquecesse a entrada e nunca pudesse entrar para assombrá-los.

Tais experiências convenceram o homem primitivo de que cada indivíduo e os demais seres tinham alma, ou vida secreta dentro de si, a qual se separava do corpo na doença, no sono ou na morte. Daí, a advertência de um sacerdote Upanishads da antiga Índia: “Não desperteis ninguém abruptamente, porque pode acontecer que a alma não encontre meio de voltar ao corpo”. Percebe-se, pois, que para o homem primitivo, o mundo externo não era insensível ao morto, mas ao contrário, era intensamente vivo.

Isso pode ser observado na medida em que os deuses, em sua origem, não passavam de homens mortos e idealizados. O aparecimento dos mortos nos sonhos era motivo bastante para estabelecer a adoração do morto, porque o adorador, se não é filho é, pelo menos, irmão do medo. Homens que haviam sido poderosos em vida e, por isso, temidos, passavam a ser adorados depois de mortos. Entre muitos povos primitivos a palavra Deus queria dizer homem morto.

Os gregos invocavam seus mortos exatamente como os cristãos católicos invocam os santos. Tão forte era a fé na imortalidade que os antigos lhes mandavam mensagens de um modo muito especial: o chefe da tribo recitava a mensagem a um dos seus escravos e depois o decapitava; e se porventura esquecia alguma coisa, mandava um *post-scriptum* por outro escravo.

Gradualmente o culto ao fantasma se transformou na adoração dos antepassados. Todos os mortos eram temidos e tinham de ser propiciados para que não viessem perturbar a vida dos vivos. Esta adoração se adaptava à manutenção da autoridade social, que logo se espalhou por todo o Mundo Antigo: Egito, Grécia, Roma, China, Japão, etc. O que perdura no Ocidente até hoje.*

Tal instituição mantinha as famílias unidas e proporcionava uma indivisível estrutura para a sociedade. À medida que a compulsão ia sendo substituída pela consciência, o medo se elevava ao amor. O ritual da adoração dos antepassados, provavelmente gerado pelo terror, sublimava-se por fim em devoção. E com esta atitude desenvolveu-se a morte ritualizada.

Nas civilizações da antiguidade Oriental, vale lembrar, a Mesopotâmia, a ritualização da morte condicionava-se na crença de vida após a morte.

Na Suméria, por exemplo, civilização desenvolvida ao Sul da Mesopotâmia entre 3.200, instituiu os códigos de leis em nome do grande Deus Shamash; porque naquele tempo o governo já havia descoberto a grande utilidade política do Céu. Regulava os códigos entre outras coisas, os tipos de alimentos que poderiam ser oferecidos, em altar, ao deus Shamash: bois, carneiros, peixes.

Essa prática de oferenda foi transportada como ritual da morte tanto dos reis e dos abastados, como do homem comum. Como os Sumérios acreditavam na vida após a morte – pois o Deus Shamash propiciava-lhe esta após a morte - estes colocavam alimentos nos túmulos. Estes alimentos destinavam à oferenda a Ashmash tão logo fosse restabelecida a vida do indivíduo em outro mundo, do qual acreditavam constituía a morada de todos após a morte. Por outro lado, o tipo de alimentos colocado no túmulo significava, também, o status do morto na outra vida. Assim, os mais abastados

* Relíquias da adoração dos antepassados temos na tradição da visita aos mortos no dia de finados, nas orações e nas missas aos mortos. CERAM, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

colocavam bois, carneiros e camelos nos túmulos dos entes queridos; os mais pobres colocavam frutos: tâmaras, figos e cereais, trigo e cevada.**

Segundo Will no antigo Egito o que sempre caracterizou a sua religião e, conseqüentemente o imaginário da morte, era a insistência na imortalidade. Pensavam eles, que se Osíris, o Nilo e toda a vegetação morriam e renasciam, por que não ser assim com o homem? A preservação dos cadáveres através das técnicas de embalsamento os levou a firmar-se nessa fé, que foi dominante no Egito por milhares de anos.

O corpo, na crença do egípcio, era habitado por um duplo de nome Ka, conhecido como uma alma que pousava no corpo tal qual um pássaro na árvore. Todos que três – corpos, Ka, e alma – sobreviviam à morte, enquanto o cadáver não desaparecesse na dissolução; mais, se chegavam a Osíris limpos de pecados, iam viver eternamente no “Campo Feliz do Alimento” – jardins celestes da maior abundância e segurança.²

Esses Campos Elísios, entretanto, só eram alcançados por meio do concurso de um barqueiro, o egípcio Charon. Mas esse barqueiro só dava passagem aos indivíduos que tivessem sido bons em vida. Ou então Osíris examinava os mortos, pesando cada coração numa balança em que o peso um dos pratos era uma pena. Os reprovados no exame tinham de permanecer para sempre em seus túmulos, padecendo fome e sede, sem nunca mais ver o Sol. Era preço da justiça.

Contudo, de acordo com os sacerdotes, havia bons meios de vencer tais testes – e eles se ofereciam para revelá-los. Um era acumular o túmulo de alimentos, bebidas e serviçais que cuidassem do morto; Outro era enchê-lo de talismã gratos aos Deuses – peixes, abutres, serpentes, e, acima de tudo o escaravelho, uma espécie de besouro que, pelo fato de reproduzir-se no esterco, simbolizava a alma ressurreta. Se estes talismãs fossem devidamente abençoados pelos sacerdotes, eles afugentariam qualquer assaltante do túmulo e aniquilariam todos os males.

Um outro meio consistia em adquirir o livro dos mortos, papiros junto às orações, fórmulas e encantamentos com funções específicas para apaziguar ou enganar Osíris.

** A devoção ao Deus Ashamash, o mais popular entre os Deus sumérios, residia na crença de que este restituía-lhes a vida após a morte. VALENTIM, Veit. Op. Cit. P. 86.

² DURANT, Will. *As civilizações da Antiguidade Oriental*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

Para os egípcios, já que se viam como seres especiais na Terra, e achavam sua existência como a verdadeira finalidade humana, a morte só podia parecer o terrível perigo, cuja providencial superação devia ser o principal objeto da vida. A tradição de construção de túmulo era a primeira preocupação de um monarca. Muitas vezes essa construção começava com o seu reinado e continuava durante sua morte. Morria-se cedo, o túmulo era pequeno, se o seu reinado se prolongasse, a construção alcançava os limites da grandiosidade. Quanto mais poderoso, maior era o túmulo.

Os primeiros túmulos régios de Abydos são ainda construções simples de tijolos. A pirâmide do Rei Djoser em Shakhara foi a primeira construção de pedra, cerca de 2.770 anos a.C.. Em volta do monumento espalham-se numerosos pequenos túmulos de cortesãos e sacerdotes ligados a dinastia.

O campo de pirâmides de Gisé com seus túmulos de monarca, destacando-se o da mãe do Faraó Quéops e da Rainha Hetep-Hers, com os seus templos e mastabas*, com as famosas esfinges, o monumento do Faraó Quéfren cuja cabeça enfeitada da serpentes sai do corpo do espírito e apêgo à vida do povo egípcio ainda perdura.

A devoção ao Deus Osíris, em detrimento do Deus Anúbis, o Deus que morre e ressuscita e que, por isto, julga os crentes, encaminham-os para uma nova vida de maravilhas, que, porém, para os egípcios não seria mais bela do que a existência na Terra do Egito. Para eles, a outra vida seria apenas algo mais elevada, na qual o camponês colhe trigo de sete varas de altura.³

E para essa eternidade era preciso preparar preservar o corpo físico, terrestre: a alma-pássaro que voava por ocasião da morte, voltava para ele. Os cadáveres eram embalsamados com requintes artísticos; enrolados em panos, e as vísceras de mais fácil decomposição eram extraídas e guardadas em vasos de barro; o túmulo era tido como uma casa que o morto habitaria como habitara igualmente na Terra; Os das pessoas mais importantes, tais como os faraós e nobres, compunham-se de diversas peças; neles continham provisões, todos os utensílios necessários, roupas e jóias As paredes eram pintadas com paisagens que representavam episódios de sua vida familiar enquanto os servidores continuavam representados nas pinturas para atendê-lo e servi-lo havia também uma porta simulada no túmulo levava ao reino dos mortos. A crença do egípcio

* Pequenos túmulos, simples e normalmente de tijolos. VALENTIN, Veit. Op. Cit. Pp. 92-94.

³ Anúbis, o Deus com cabeça de cachorro, era o Deus dos mortos no Baixo Egito. Com a unificação das duas regiões, o Baixo e Alto Egito, por volta de 3000. a.C., este Deus foi gradualmente desalojado e substituído pelo Deus Osíris. VALENTI, Veit. Idem. Ibidem.

era que o morto podia à vontade voltar do reino dos mortos e continuar a viver como quem vivia em sua casa terrena.

Na Babilônia, no período do Rei Nabucodonosor, 604-562 a.C., os babilônios não se satisfaziam simplesmente com a idéia da imortalidade corporal. Tinham uma religião bastante prática; quando rezavam, era para pedir bens terrenos. Não confiavam nos deuses de além-túmulo. É certo que um texto se refere ao Deus Mardur como aquele que “da vida aos mortos”⁴ fala dos sobreviventes como dotados de vida eterna. Entretanto, no resto a concepção dos babilônios, sobre a outra vida, era como a dos gregos: os mortos, sem distinção de classe ou notoriamente, iam, todos, para as sombras das entranhas da Terra onde nunca mais via a luz da Terra. O reino de Hades.

Na concepção dos babilônios havia um Céu, mas somente para os deuses; o Aralu (Reino dos mortos) para onde desciam os homens era muitas vezes o lugar do castigo, lá os mortos eram condenados a sofrer com o frio e sujeitos à fome e a sede, salvo se os parentes depositassem alimentos em seus túmulos. E para os que em vida foram maus, estavam sujeitos a terríveis lepras.

A maioria dos cadáveres eram enterrados em sepulturas; apenas alguns eram cremados, e as cinzas depositadas em urnas. Não havia embalsamento, porém, carpideiros profissionais lavavam os corpos, perfumavam-nos, pintavam-lhes a face, punham-lhe anéis nos dedos e vestiam-nos de roupa limpa. Quando o defunto era mulher, colocavam no túmulo os seus utensílios de cosméticos, pentes, vidros de essências, material de pintura, etc., para que pudesse apresentar-se com boa aparência na outra vida.

Caso não fossem os mortos enterrados dessa maneira, estes atormentariam os vivos. E se não recebessem sepulturas, as almas andariam pelas sarjetas e esgotos a procura de alimentos, podendo trazer a peste para toda cidade.

Semelhante crença também predominou por um longo período na civilização hindu. Segundo Cesário Mhanaash (1986) na Índia pré-védica há cerca 3.200 anos a.C., o sacrifício de humanos à deusa Shiva era a forma de apaziguar e agrada-la nos momentos de ira ou na homenagem das grandes colheitas. E vitórias nas guerras.⁵

⁴ A lenda do dilúvio do qual fala a bíblia cristã, surgiu na Suméria, espalhou-se por todo o Ocidente, Babilônia e desde então expandiu-se por todo o Ocidente, onde perdura até os dias atuais. VALENTIN, Veit. Op. Cit. P. 98.

⁵ MHANAASH, Cesário T.. *A Cultura Mesopotâmica*. São Paulo: Ibrasa, 1972.

A forma do sacrifício obedecia a dois critérios quanto aos eleitos a serem sacrificados: os guerreiros inimigos aprisionados ou mortos em guerra; a moça virgem e o rapaz guerreiro.

No primeiro caso, os guerreiros inimigos, eram escolhidos ao sacrifício e levados ao altar, onde seriam queimados pelo Châtrias, nobreza sacerdotal hindu. A partir de então, no primeiro dia os brâmanes, preparavam os corpos com banhos de óleos e incensos. No segundo dia, após um longo ciclo de orações com bebidas e receitas mágicas, os corpos eram elevados a holocausto. Este, composto de um imenso altar construído de blocos de pedras, ficava sempre localizado numa parte elevada do centro da aldeia.

Os corpos eram trazidos enfaixados em peles de animais sagrados, machos – bois, bodes, macacos, etc. - e colocados no altar. Faziam-se as últimas orações de agradecimento ou pedidos de novas vitórias. Ateava-se fogo enquanto o povo levantava as mãos em forma de agradecimento à Shiva, a deusa da vida e da morte.

No segundo caso, as sacerdotisas escolhiam uma moça, virgem, dentre as famílias nobres; Por outro lado, os sacerdotes escolhiam um rapaz guerreiro dentre os mais fortes. Ambos ficavam aos cuidados deles por um período de doze dias para serem preparados com unções sagradas, incensos, ervas e pós mágicos.

No décimo quinto dia, o altar era limpo e untado com o mesmo óleo sagrado. Nas primeiras horas da noite iniciava-se o cortejo; o rapaz e a moça eram apresentados ao povo, adornados com flores, e vestindo túnicas brancas de linho. Eles não podem ser tocados por ninguém, exceto pelos sacerdotes. Levados ao altar, iniciava-se um longo ciclo de orações e encantamentos em agradecimento à bonança de alimentos e proteção. Logo em seguida ateava-se o fogo. Iniciavam-se os cânticos e dança pelo povo, que virava a noite em festa com muita comida. Esta festa durava dois dias, findando com a retirada das cinzas no altar. As quais eram recolhidas num vaso de ouro, e, jogadas a metade na terra ao redor do altar; a outra metade era jogada nas águas do Rio Ganges. A morte era uma festa.

Nessa cultura, a morte em sacrifício era tida como uma grande honra para as famílias dos sacrificados. O sacrifício era a garantia de uma reencarnação para uma vida melhor, cheia de prazeres e felicidades. Por outro lado, significava, também, a garantia de que os espíritos dos mortos não voltassem a perturbar os vivos. Daí o fato de todos os mortos serem cremados. Acreditavam eles, que, se fossem os corpos enterrados, o espírito destes não podiam subir aos Céus, ficando na Terra, zanzando e provocando

maldições aos vivos. Enquanto o ato da cremação, em altar ou não, constituía-se num meio pelo qual, através da fumaça e do odor, o espírito se elevava às alturas. Até atingir Shiva. Depois o espírito seria reencarnado para uma outra vida melhor.

Contudo, com a introdução da cultura Védica dos arianos, por volta de 1.500 a.C., a prática só sacrifício humano foi extinta. O ritual da cremação, não continuou mais dedicado à deusa Shiva, pois tal oferenda fora banida. Surgem outras divindades. Nesse contexto, surge uma nova religião que dá um novo caráter a visão da morte na Índia; o Budismo.

O Chátrias Sidharta Gautama (Buddha, o Esclarecido), por volta de 580 a.C., funda o Budismo – um misto de religião e filosofia – e prega a libertação das reencarnações através do auto-conhecimento e aparecimento que conduz ao Nirvana.

Segundo Luís Pantellon,⁶ o budismo como princípio filosófico-religioso consiste num grande momento de transformação cultural indiana e com força mundial:

O maior feito espiritual de Buda consiste em ter ele resolvido os problemas suscitados pela filosofia indiana por meio de um sentimento religioso com força de concepção mundial. Saiu do mundo dos fenômenos, que por um insolúvel processo de causalidade e só ele existe. Esse processo baseia-se num grande número de ‘elementos’ e é mantido em movimento pelo ‘não-saber’; assim que este é desalojado pelo ‘saber’; seu princípio contrário aquieta-se o torvelinho das causas, o mal dele derivado desaparece, a embriagues se dissipa – essa dissipação chama-se Nirvana. Não é nenhum ‘nada’ e sim o existente. Para além da realidade das coisas, o que não teve começo, o que não foi criado, o despertador do sonho terrestre, o ser absoluto. O Nirvana é um estado que pode começar na Terra, pela compreensão de todas as causalidades, que redime o esclarecido, o sábio das sucessivas encarnações compulsórias.

Assim, a partir desse novo conhecimento, que rapidamente se popularizou e transformou-se em crença, a morte passou a ser concebida como algo natural, não dependendo mais das bênçãos de Shiva e de outras divindades para a reencarnação; o morto passou a ser senhor de si mesmo como resultado de um processo de aperfeiçoamento da alma, iniciado em vida. Ou seja, a morte significava a coroação do

⁶ PANTELLON, Luís C. de Lima. *Cultura e Tradição no Oriente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1986.

aperfeiçoamento e a cremação era o ato de finalização do aperfeiçoamento, início da pureza da alma.

Logo, muito cedo o hindu se iniciava nos rituais de auto-conhecimento: longas sessões de meditações, jejuns, oferendas de animais, unção de óleos. Era o ritual iniciático todo um preparo para a morte. Ao morrer, o morto era untado em óleos, recomendado pela família e amigos, logo depois cremado. Uma pequena festa se iniciava. No dia seguinte, as mulheres das famílias recolhiam as cinzas, as quais, somente os meninos podiam jogá-las nas margens do rio Ganges.⁷

Essa tradição manteve-se até o final do século III da era cristã. Entretanto, no ano 320, quando a dinastia Gupta, estabelecido em Pataliputra, antiga capital do império de Asoka, conquistou a hegemonia, uma nova concepção de purificação da alma foi introduzida: o sacrifício da mulher em benefício da purificação da alma do marido e da família.

E para tanto, quando um homem casado morria, a sua esposa tinha por obrigação se sacrificar na pira crematória juntamente ao lado do marido. Prática denominada de Sati.

Segundo, Júlio J. Chiavenato (1998),⁸ um texto hindu do século VI, diz que:

A mulher deveria sentir-se feliz por morrer queimada, pois como o caçador de cobra tira a serpente do buraco, assim a mulher, resgatando seu marido do inferno, regozija-se com ele. A mulher que morre na pira funerária com seu marido purifica a família de sua mãe, de seu pai e de seu esposo. (...) Não há virtude maior do que uma mulher virtuosa queimar-se com o seu marido.

Daí, o único dever da mulher hindu depois da morte do marido era queimar-se com ele. Caso ela não cumprisse sua obrigação teria como castigo “voltar para a vida no corpo de algum animal fêmea”.

Essa prática perdurou até meados do século XIX. A partir daí, não constituía mais a obrigatoriedade do Sati.* Contudo, o que fica claro é que, no caso, que a fé é o conceito de morte que determinava a prática do Sati.

⁷ PANTELLON, Luís C. de Lima. Op. Cit.

⁸ CHIAVENATO, José J. *A Morte: uma abordagem sócio-cultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

* A partir da segunda metade do século XIX, o Sati não determina mais a obrigação da cremação da viúva. Porém, determina que esta não poderá mais casar-se, dedicando-se, pois, apenas à criação dos

Diferentemente da Índia, a cultura chinesa nos seus primórdios, fundava-se no culto aos antepassados. O primeiro reino dinástico, por volta de 3.000 a.C., segundo Marcos Nashiro (1992),⁹ o morto gozava de profundo respeito, temor e devoção.

Ao morrer o indivíduo tinha o seu corpo lavado, enrolado em folha de doopa** e exposto na frente da sua casa por um dia para que todos da comunidade pudessem reverenciá-lo e desejar-lhe um encontro feliz com Dhan-Bah, a deusa da vida. Após um dia de visitas e reverências, o corpo era levado para dentro de casa onde, na sala, com os pés em direção a porta de entrada, era incensado junto à queima de óleo de peixe. No dia seguinte, em cortejo conduzido pela família, o morto era sepultado ao pé de uma grande árvore. Ritual que contava que o espírito fosse bem recebido pela deusa Dhan-Bah e, assim, pudesse agradar a deusa, a sua esposa e filhas visitavam diariamente por um ano a sepultura a qual, aspergiam d'águas. A esposa e filhos teriam vida longa e farta. Entretanto, quando o morto tratava-se de um guerreiro, o corpo era lavado, untado com óleos, vestido com a sua roupa de guerra pelos outros guerreiros; colocava-se o corpo num altar de madeira, juntamente com os seus instrumentos de guerra, depois saía em cortejo para receber os agradecimentos da população por seus feitos na guerra. O altar cortejado somente pelos guerreiros, seguia para um campo limpo onde era prestadas as últimas homenagens ao morto. Logo em seguida, ao rufar de tambores, acediam-se as tochas, sepultavam o corpo no altar junto com os instrumentos de guerra. Depois, apagavam-se as tochas, e fincavam-na ao redor da sepultura, voltando a acendê-las no dia seguinte e, a partir de então, repetia-se esse ritual por trinta dias, em homenagem ao Deus Mone-Po, o Deus da guerra.

Toda via, quando o morto era o rei, toda a preparação do corpo ficava sob responsabilidade do sacerdote real. Dotados de poderes mágicos, incubia-se de recomendar o rei para outra vida, sendo o rei o único que possuía este privilégio após a morte.

Em seguida, o corpo deste era lavado com óleo sagrado, vestido com roupas finas de seda, colocado num rico altar no meio da sala real. Por dois dias era velado pelos homens da corte, os guerreiros e os homens comuns. Não era permitido a presença de mulheres, nem mesmo a rainha. A crença era de que a presença destas podiam

filhos e as obras de caridade. Prática esta, predominante até os dias atuais em muitas regiões da Índia. MHANAASH. Cesário T. Op. Cit. P. 62.

⁹ NASHIRO, Marcos. L. *História do Oriente*. Lisboa: Presença, 1987.

** Planta ramácea, de folhas grandes e largas, de uso medicinal e que simbolizava a deusa Dhan-Bah. MARCOS, L. Nashiro. Op. Cit. P.126.

impedir a passagem da vida terrena do rei para a outra vida além-morte, pelo simples fato da deusa Seng, da vida do rei ser uma divindade diferente da deusa Dhan-Bah, dos indivíduos comuns.

Após um longo ciclo de orações, unções, os sacerdotes trocavam toda a vestimenta pela sua roupa mais nobre, a com que foi coroado, e faziam um pequeno círculo de tinta branca na sua testa. Em seguida, o rei era levado ao seu suntuoso túmulo, o próprio quarto, com todos os seus pertences de uso pessoal; espadas, coroas, pratos, vasos, copos e todas as suas jóias. Do outro lado do imenso túmulo, numa sala reservada, eram depositados os alimentos mais nobres e prediletos do rei. O túmulo reproduzia a casa (palácio) do rei. Nas paredes haviam pinturas em cera que retratava as melhores paisagens e passagens da vida do morto. Tão logo, terminava o preparo do túmulo, o rei era sentado na sua cadeira real. O seu exército era imolado enquanto os soldados ficavam de pé ao seu redor. Depois fechava-se o túmulo.

Essa tradição permaneceu quase inalterada por longo período. Contudo, com a introdução do Confucionismo e o Taoísmo entre os anos 600 e 400 a.C., surgiu uma alteração significativa no ritual da morte. Na dinastia Chin, período de grande efervescência modernizadora da China, com sua efetiva unificação, desenvolvimento do comércio e das cidades, o ritual da morte deixou de exigir a imolação dos soldados. No lugar destes, foram colocadas estátuas representativas. Porém, ficou a obrigação dos soldados reverenciá-lo por toda a vida, cuja primeira homenagem consistiu em partilhar com o imperador todas as suas vitórias nas batalhas.¹⁰

Na dinastia Han, iniciada em 206 a.C., o Estado impôs a obrigatoriedade do culto aos mortos que, através da construção de túmulos numa área reservada – cemitério – para todos, inclusive mulheres adultas e crianças, das quais antes não tinham esse direito, passou-se a constituir-se num rito obrigatório.

Ao morrer, a mulher era preparada pelas filhas e as vizinhas; eram vestidas com uma túnica de seda azul, penteadas o cabelo ou deixavam-no solto. Maquiavam-na com tinta branca. Em seguida, eram colocadas na sala com a cabeça em direção à porta – diferentemente dos homens -, para ser velada por algumas horas. Ao final do velório, colocavam-lhe uma máscara de seda a cobriam-lhe todo o rosto para o sepultamento. No cortejo, eram levadas apenas pelas mulheres. Que as sepultavam-na em silêncio, sem nenhum dos seus pertences. Contudo, sendo os túmulos de tamanho médio – pois,

¹⁰ NASHIRO, Marcos L. Op. Cit.

obrigatoriamente tinha que ser menor do que o túmulo do homem -, era visitados por familiares e outros parentes periodicamente, onde colocavam água e incensos.

Quando a morta era uma menina, o ritual pouco diferenciava do ritual da mulher adulta; apenas cortavam-lhe o cabelo antes do sepultamento e tiravam-lhe o calçado, e as visitas ao seu túmulo eram mensais, uma vez por ano. Diferentemente, do culto aos meninos que, igual ao do homem adulto, ritual descrito anteriormente, tinham visitas diárias todo ano.

Percebe-se, pois, que na crença chinesa, o cultuamento dos antepassados estabelecia-se um vínculo permanente com eles: os mortos não só eram reverenciados como controlavam os vivos. De certo modo, a família do morto continuava pertencendo-lhe: viva na casa dele e usufruía os seus bens. Em troca o reverenciava e recebia a sua bênção para a prosperidade.

Parte 2: Os Ritos da Morte no Ocidente Cristão

No Ocidente cristão, o cerimonial, sobre a morte difere muito da cultura pré-cristã, sobretudo, na antiguidade Oriental, em que o ritual da morte era mais centrado na preparação do corpo do morto para a outra vida. Após a introdução do cristianismo no Ocidente – vale lembrar, que este surgiu no Oriente – o ritual da morte tornou-se mais insejado na consciência desta, e na salvação da alma através da liturgia cristã, segundo Philippe Ariès (2003).¹¹

Nesse sentido, havia uma preocupação maior do indivíduo no preparo da sua morte; por outro lado, o culto dos antepassados adquiriu outras atitudes, destacando-se, o culto dos cemitérios e dos túmulos familiares.

Conforme o autor, entre a Idade Média e meados do século XVIII, aproximadamente, predominou no Ocidente católico, e na França em particular, uma relação de proximidade entre vivos e mortos.

De acordo com o mesmo, predominou no Ocidente, a partir do século V, uma atitude de resignação do homem em relação à morte. O homem tinha consciência da

¹¹ ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

aproximação do seu fim. Obviamente, tal conhecimento restringia-se em pura intuição relacionada aos sintomas apresentados pelo corpo, como a perda das forças, por exemplo, ou por convicção íntima.

Tão logo o indivíduo pressentia a chegada da morte, se deitava no leito ou no solo, com a cabeça voltada para o Oriente, em direção a Jerusalém; depois colocava os braços de forma estendida, fazia as suas preces e esperava placidamente a morte.

Esta atitude diante da morte, quanto à posição de morrer, perdurou até o final do século XII. Porém, a partir do século XIII, seguindo os preceitos da Igreja, a posição para morrer:

O moribundo deve estar deitado de costas a fim de que seu rosto olhe sempre para o Céu,¹² diz o bispo Guillaume Durand de Mende, no século XIII. Tal atitude contrapõe-se à vigente, acima, praticada até o século XII, em que o morto era representado de braços estendidos em atitude de oração. Prática esta, predominante no cristianismo primitivo, e que fora prescrita pelos liturgistas do século XIII.¹³

Logo após o moribundo cumprir o ritual apontado pelo bispo Guilhaume, este iniciava os atos da sua cerimônia de morte. Inicialmente, consistia em um lamento de vida, uma súplica reduzida a algumas imagens; e findava com o pedido de perdão, sempre atendido, dos amigos, dos colaboradores, etc.¹⁴

O momento de lamúria, o moribundo resignava-se e iniciava o momento de pensar em Deus; com as mãos juntas e elevadas para o Céu – gesto dos penitentes -, roga a Deus pela salvação da sua alma e um lugar no paraíso.

Quando findava a sua prece, iniciava a sua absolvição sacramental, e esta era dada pelo padre que lia os salmos, incensava o corpo e o aspergia com água benta. Esse ritual era repetido perante o corpo no momento de seu sepultamento, “absolvição de corpo presente”.

Do século XIII ao XVII, o velório foi assim; com ritual simples, organizado, familiar, inclusive com a presença das crianças em toda a cerimônia. Nesse sentido, observa-se, pois, uma atitude de aproximação com a morte – ao contrário dos rituais na

¹² In: ARIÈS, Philippe. Op. Cit. P. 108.

¹³ Idem, Ibdem.

¹⁴ Idem, Ibdem

antiguidade, de afastamento desta. Nestes séculos a morte era esperada, consciente, onde o moribundo dirigia o ritual da sua própria morte.¹⁵

O século XVIII marca, também, uma mudança na representação da morte nas artes e na literatura. Mudança esta mantida até meados do século XIX:

Ao pressentir que a sua morte se aproximava, o indivíduo deitava-se no seu leito e tomava as providências para o seu velório: mandava avisar a parentes e amigos, fazia suas recomendações, dava conselhos, etc., tudo enfim, que fosse pertinente a si e a sua família, parentes e amigos; todos permaneciam em companhia do moribundo, inclusive as crianças; com o fim próximo, o padre dava-lhe a extre-unção; ao último suspiro, e, constada a morte, imediatamente, fechava-se as janelas da casa, acendiam-se mais velas, e a família punha-se de luto antes mesmo do sepultamento, com vestes pretas. Vale observar que, não só a família, mas também, parte dos vizinhos colocavam luto.

Philippe Áries assinala esse costume como o momento em que a visão da morte sofre uma grande transformação quanto a sua representação: se até o século XII a representação da morte era em função da morte de si próprio, no século XVIII esta representação passou a ser construída a partir da morte do outro, do próximo.¹⁶

Essa percepção, segundo este historiador, levou a exaltação da morte: contrariamente às representações macabras em que a morte era apresentada popularmente – pessoas a cavalos esqueléticas, esqueletos com túnicas pretas com uma espécie de foice nas mãos, imagens estas, predominante nos séculos XIV ao XVI -, no século XVIII a representação da morte ganha contornos e sentidos de *bella* nudez na pintura e na literatura:

O cadáver é o tema complacente das lições de anatomia, objeto das pesquisas sobre as cores do início da decomposição, que não são horríveis ou repugnantes e sim verdes sutis e preciosos para Rubens, Poussin e tantos outros.

Sobre os túmulos onde subsistem os corpos nus, o cadáver não é o primeiro estado da decomposição: é a imagem da beleza. Os belos nus de Henrique II e de Catarina de Médicis, obra de Germain Pilon, substituíram os cadáveres decompostos corroídos pelos vermes.¹⁷

¹⁵ Idem

¹⁶ Idem, Ibdem.

¹⁷ ¹⁷ Áries, Philippe. Op. Cit.

Na literatura, o poema de Baudelaire aponta o mesmo sentido:

**A orgia e a morte são duas jovens adoráveis
E a mortalha e a alcova em blasfêmias fecundas
Vos oferecem sucessivamente, como boas irmãs,
Terríveis prazeres e atrozes doçuras.¹⁸**

Percebe-se, pois, que essa atitude de representação da morte no século XVIII é, ao mesmo tempo, uma atitude de aproximação e de distanciamento do medo da morte, em relação a sua representação no século XVI.

Neste século, XVI, a morte era representada, na arte, com motivos erótico-macabro denotando as cenas de violência e tortura:

**São Bartolomeu escorchado vivo por carrascos atléticos e nus;
Santa Ágata e as virgens mártires, das quais se dilaceram as tetas
pendentes.¹⁹**

A aproximação, pois, reside no que toca ao nu, ao erotismo expresso na pintura; ao mesmo tempo o macabro expresso nessas pinturas, denota um afastamento. Ou seja, por um lado, a morte é embelezada, numa atitude de complacência com esta; por outro, o macabro, denota uma atitude de afastamento, o medo desta.

Contudo, o final do século XVIII a exaltação da morte, bem como, a complacência com esta, torna-se mais acentuado ao associá-la com o amor, Tântos a Eros:

**A morte, de Baldung Grien, arrebatava uma jovem com os afagos
mais provocantes. O teatro barroco multiplica as cenas de amor nos
cemitérios e nos túmulos (...) como o amor e a morte de Romeu e Julieta,
no túmulo dos Capuletos.²⁰**

A partir de então, ao invés de familiarizada, a morte passa a ser encarada como uma ruptura, a qual nasce e desenvolve-se no mundo dos fantasmas eróticos e passa para o mundo dos fatos reais e concretos.

¹⁸ Idem. *Ibidem.* ARIÈS, Philippe. Op. Cit.

¹⁹ Idem. *Ibidem.*

²⁰ Idem. *Ibidem.*

Em meio a tal processo, a morte perde as suas características eróticas e torna-se bela. Ela não será desejada, como nos romances negros, mas será admirada, instaurando desse modo a primeira grande modificação que surge no final do século XVIII e que vai se converter em um dos traços do romantismo: a complacência com a idéia da morte.

Trata-se, pois, de um quadro diametralmente oposto ao visto nos séculos XIX e XX, época dos cultos, acentuados, dos antepassados. Isto quer dizer que nestes séculos os vivos aceitavam mais dificilmente a morte do próximo do que noutros tempos, como pode ser observado no luto expresso no culto aos mortos no âmbito dos cemitérios.

I.a. Os Cemitérios e os Túmulos

Os cemitérios não foram sempre lugares sagrados ou campos santos; os cemitérios já foram lugares de festa, tal qual a própria morte também já foi uma festa.

Uma etapa importante no sepultamento dos mortos foi o período de cerca de mil anos, entre o século VI e o XVI, em que haviam enterros dentro das Igrejas ou nas imediações destas. Porém, apenas os nobres e o clero eram enterrados nos templos. Acreditava-se, nessa época, que ficando perto dos santos seria mais fácil chegar ao Céu.

Segundo, Philippe Ariès na obra “História da Morte no Ocidente”, esse costume foi introduzido por São Paulino que, no início do século VI, enterrou seu filho junto aos mártires, em um cemitério da Espanha, pois assim ele seria:

Associado aos mártires pela aliança do túmulo a fim de que, na vizinhança do sangue dos santos, aproveite desta virtude que purifica nossas almas, como o fogo.²¹

Entretanto, tão logo o espaço das Igrejas foi sendo preenchida, começaram a enterrar os mortos ao longo das suas paredes externas. As covas se enchiam e, quando abertas para depositar novos cadáveres, exalavam mau cheiro e provocando indisposições.

Diante desse fato desagradável, criaram-se os cemitérios dentro dos limites urbanos das cidades, geralmente ao lado das Igrejas. Porém, o crescimento das cidades e

²¹ In: ARIÈS, Philippe. Op. Cit. Pp. 196-197.

o número cada vez maior de sepulturas acabaram lotando esses cemitérios. A reabertura frequente de covas continuou provocando problemas sanitários.

No fim do século XVIII, municipalidade de Paris destruiu seu maior cemitério – o Cemitério dos Inocentes –, e levando os ossos para um outro local fora da cidade. Dizia-se, na época, que as casas da região vizinha recebiam infiltrações do ar das covas. A remoção do Cemitério dos Inocentes foi marcada por muito medo: a população temia que, ao abrirem as covas, os gases exalados pudessem intoxicar e matar muita gente.

Contudo, o temor não era sem fundamento: há crônicas narrando algumas tragédias. Em 1773, ao abrir a cova para uma mulher, a nave de uma Igreja de Paris, por acidente o coveiro quebrou um caixão antigo e deixou cair a tampa do que estava enterrado e “imediatamente se difundiu um odor tão fétido, que os assistentes foram obrigados a sair”. Na Igreja estavam 120 jovens preparando-se para a primeira comunhão, “114 caíram gravemente doentes (...) 18 dos quais morreram”.²²

Ariès transcreve várias crônicas do gênero, sempre com vítimas fatais. Antigamente acreditava-se que as emanções dos defuntos transmitiam doenças. Para espantar tais emanções, acendiam fogueiras, pois o ar aquecido “corrige e retira o ar estagnado”. E, para tranquilizar a população, quando se abriram as covas do Cemitério dos Inocentes, acenderam-se inúmeras fogueiras que clareou Paris.

As formas dos cemitérios atuais resultam desse medo de contaminação: da morte que mata. No começo do século XIX adotou-se a prática de usar uma sepultura para cada defunto, evitando-se a abertura frequente das covas. E ainda a questão sanitária.

O fato das emanções exaladas pelas covas, levou à proibição de enterrar os mortos dentro das Igrejas – o que causou um problema às paróquias que viviam dos enterros, pois acabaram perdendo parte de sua fonte de renda.

Os padres, embora admitindo que nos dias de forte calor as emanções das covas provocassem um certo “desconforto”, não queriam abrir mão das sepulturas dentro das Igrejas. Reclamavam que ao menos houvesse exceções: um memorial da época sugeria que os ricos e vaidosos continuassem com o privilégio de serem enterrados sob o chão da Igreja, obviamente pagando bem mais por isso. Assim, como seriam, poucos, não causariam problema à saúde da população, e a paróquia seria compensada.

Contudo, por longo tempo os cemitérios foram também locais de encontro comunitário, onde, além de se enterrarem os mortos, realizavam-se feiras e atividades

²² CHIAVENATO, José. Op. Cit. P. 43.

sociais. O enterro e a “visita” aos mortos serviam de pretexto para a realização de negócios, convívio social, contratos de casamentos e festividades profanas.

Esse costume atingiu tal proporção que em 1231 o Concílio de Roven ameaçou de excomunhão quem dançassem nos cemitérios. Mas o hábito estava tão arraigado nas culturas européias que em 1405 foi necessário uma nova ameaça papal aos que insistiam nas festas em danças profanas.

Um texto de 1657 – 426 anos depois da primeira proibição formal –, citado por Ariès, mostra que o costume ainda prevalecia:

Em meio a essa balbúrdia (escribas públicos, lavadeiras, livreiros, vendedores de roupas de segunda mão) dever-se-ia fazer um sepultamento, abrir um túmulo e retirar os cadáveres ainda não consumidos: assim, mesmo com tempo mais frio, o chão do cemitério exalava odores fétidos.²³

Como diz José C. Rodrigues em *O Tabu da Morte*, o cemitério era o centro da vida social: “(...) até o século XVII, o cemitério era uma praça pública, um sítio onde se comercia em que todas as proclamações e todos os modos de informação coletiva têm lugar”.

Entretanto, à medida que a morte foi se individualizando, os cemitérios mudaram secularizando-se pouco a pouco a partir do século XVI. Já no século XVIII, começaram a ganhar o aspecto dos “campos santos” atuais. Houve resistência popular, que via nesse processo uma perda dos seus direitos de comerciar e festejar livremente.

Entretanto, de maneira mais comedida, isso ainda ocorre atualmente em algumas regiões da Inglaterra. No interior da Bahia ainda se vê o que sobreviveu desse costume. No México é fato comum nos dias atuais, diz Rodrigues.²⁴

Danças e festas evoluíram nas celebrações fúnebres. Surgiram grupos em que dançarinos representavam a morte, a vida, a luta contra a morte etc. Ao longo do tempo essas celebrações se “folclorizaram”, até que a Igreja pressionou para a sua extinção – ou então “rendeu-se” e até hoje convive com elas, como no México.

Quanto aos túmulos e caixões, segundo Júlio J. Chiavenato (1998), ao lado das transformações dos cemitérios, surgiu na Espanha do século XVI o costume de

²³ ARIÈS, Philippe. Op. Cit. Pp. 200-201.

²⁴ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*, Rio de Janeiro: Archiamé, 1983.

“conservar” os mortos nos sarcófagos, hábito que talvez traduzisse a vontade de que eles permanecessem presentes: Preparava-se o cadáver, e de tempos em tempos, geralmente no Dia de Finados ou no aniversário do morto, permitia-se que o caixão, ou parte dele, fosse aberto para expor o rosto do defunto aos visitantes. Assim, tinha-se a sensação de que o falecido permanecia com parentes e amigos.²⁵

Na Europa, o costume foi abandonado a partir do século XVII, mas continuou nos países hispânicos até recentemente. O autor diz que nos primeiros anos da década de 80, uma visita ao cemitério de Assunção, no Paraguai, sentia-se o odor que exalavam os caixões expostos nos túmulos. Alguns se encontravam semi-abertos, outros tinham uma “janela” na parte superior – algumas, com visor de vidro, mostravam o rosto do morto, às vezes coberto com um véu, mais ou menos mumificado. Isso também podia ser observado no Cemitério da Recoleta, Buenos Aires, Argentina.²⁶

Velhos cemitérios como estes são muito diferentes dos cemitérios brasileiros. No Brasil, geralmente o morto está embaixo da terra. Naqueles países herdeiros da tradição hispânica, os caixões ficam expostos em túmulos de prateleiras, são tocados, transferidos de lugar em abertos de vez em quando. Para Philippe Ariès, essa exposição reflete o medo de prender-se sob a Terra, de despertar um dia sob ela. Porém, é mais provável que signifique a vontade de ter os mortos presentes, e aí existentes, de certa forma, uma negação mais eloqüente da morte na cultura espanhola do que na portuguesa transplantada para o Brasil.²⁷

De acordo com Chiavenato, na tradição de conservar os mortos e expô-los em túmulos mais ou menos abertos, destacaram-se os frades franciscanos, principalmente os da Itália. Esses frades recebiam o cadáver, enterravam-no depois de um certo tempo e, quando o corpo estava dessecado, tratavam-no para depositá-lo no túmulo definitivo, onde poderia ser visto.²⁸

Ariès informa que num desses “cemitérios de múmias”, em Roma, usou-se a técnica até 1881 e lá ainda se encontram corpos expostos.

Atualmente, construídos com a mais moderna tecnologia, os atuais “cemitérios de múmia” são virtuais, estão na tela do computador, exibindo os mortos em fotos coloridas e digitalizadas através da Internet. É simples: compra-se um “túmulo” e nele

²⁵ CHIAVENATO, José Júlio. Op. Cit.

²⁶ Idem, *Ibidem*.

²⁷ Idem, *Ibidem*.

²⁸ Idem, *Ibidem*.

se instalam arquivos com todas as informações sobre o defunto, até mesmo onde se pode ver e ouvir o morto movendo-se em seu sarcófago eletrônico.

Uma dessas funerárias eletrônicas nos Estados Unidos na América (EUA), anuncia da seguinte forma seus serviços:

A Internet representa a maior revolução do gênero humano nas comunicações, desde que Gutemberg inventou os tipos moveis. A *World Wide Web*, partilhada globalmente por mais de 30 milhões de pessoas, é o lugar ideal para anunciar a perda de alguém que nós lembramos e erigir um monumento em sua memória. Esse monumento virtual, diferente de todos os outros, não se apagará com a passagem do tempo e poderá ser visto facilmente por pessoas em qualquer parte do mundo.

Os monumentos no *World Wide Cemetery* permitem às pessoas partilharem a vida dos seus entes amados de uma forma que os tradicionais anúncios fúnebres impresos ou as lapides não podem fazer. Fotografias, imagens de cinema e sons podem ser incluídos no monumento. As pessoas podem criar hipertextos ligando membros da família e também forjar uma genealogia dos usuários da Internet e seus familiares 'on line' e em tempo real.²⁹

Ao acessar a Internet e “entrar” em um desses *sites*, onde estão os cemitérios virtuais, basta que se vá clicando com o *mouse*, os nomes dos mortos para que se abram os túmulos: vemos, então, filmes do defunto com seus filhos, sua esposa, jogando golfe, etc. E, sem dúvida, a versão cibernética dos “cemitérios de múmias” – mas absolutamente inodora, diz a mesma revista.

Vale lembrar, que essa nova modalidade de cemitérios, é consequência da transformação de se lidar com os mortos e seus túmulos surgida com a cultura protestante nos EUA no início do século vinte. A renúncia aos túmulos suntuosos característicos de séculos anteriores, em adesão a túmulos mais simples, em gramados abertos (cemitérios sem muro), onde o defunto é identificado por uma lápide simples, em que consta apenas o seu nome, data de nascimento e morte, de cimento sobre a cova.

Tudo isso, mostra as modificações do conceito de morte nos tempos atuais, cujo cotidiano, a familiaridade, das sociedades pós-industriais substituiu o medo dos mortos. Isto pode ser observado, no costume atual em quase todos os grandes centros ocidentais,

²⁹ Revista Super Interessante Nº. 1777, Junho de 2002. Pp. 77-81.

de maquiar o cadáver, vestirem-lo com roupas elegantes, acessórios, etc., dando-lhe uma aparência agradável, “viva”.

Por outro lado, os velórios nessas mesmas sociedades constituem verdadeiros locais de encontro para se fazerem negócios, reunirem amigos, celebrar contratos, ou até mesmo, papear deglutindo saborosos salgadinhos e beber chapagner. Tudo num clima descontraído, amenizando-se, assim, a dor da perda de um indivíduo familiar, e, conseqüentemente, amenizando o medo da própria morte.

Os Ritos da Morte no Nordeste do Brasil

Segundo Luís da Câmara Cascudo, no seu ensaio “Anúbis, ou o culto do morto”, diz que no Nordeste brasileiro se acreditava que a alma saísse do corpo em forma de pássaro ou que, conservando a aparência humana, fosse transparente como uma “fumaça branca”.³⁰

O cadáver só podia ser manipulado pelos “tratadores de defunto”, que eram pessoas religiosas e honestas que rezavam e vestiam o morto, peça por peça, falando com ele, “chamando-o pelo nome: dobre o braço, fulano, levante a perna, deixe ver o pé!” Enquanto trabalhavam analisavam o cadáver: flácido, indicava que ninguém morreria proximoamente. Rígido, estaria chamando alguém “para o outro mundo”. “Os olhos são fechados com a polpa dos dedos, devagar: fulano fecha os olhos para o mundo e abre-os para Deus!”

O defunto não devia levar ouro, nem nos dentes, pois isso retardaria sua entrada no outro mundo. A alma acabaria voltando para pedir que livrassem de qualquer vestígio do metal. Até os botões dourados das fardas militares eram retirados: eles poderiam prejudicá-lo no além “com a ostentação da vaidade”.

Cascudo diz que antigamente, século XIX, punha-se nas mãos do defunto uma moeda de prata, “óbolo de Caronte, o direito de pedágio”, para passar ao outro mundo, costume provavelmente vindo de Portugal.

De acordo com as mitologias grega e latina, depois de morto, o indivíduo começava uma “viagem para o outro lado da vida”. A viagem implica uma travessia de

³⁰ Cascudo apud Reis, João José. A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

barco. O barqueiro mítico chamava-se Caronte, a quem se pagava para atravessar o lago ou rio. Nas outra margem estava a terra dos mortos. A moeda da boca, nos olhos ou nas mãos dos mortos origina-se dessa lenda.³¹

Para que o morto não voltasse e assombrasse a casa era preciso que se beijasse a sola do seu sapato. Estes deveriam estar limpos sem poeira ou quaisquer rastros deste mundo, ou o morto sentiria saudades e retornaria. O defunto nordestino recebia a homenagem das “excelências” e doa “benditos”, cantorias que não podiam ser interrompidas quando começadas, porque Nossa Senhora se ajoelhava para ouvi-las.

As carpideiras nordestinas reproduzem a tradição egípcia, que se espalhou através da Grécia e de Roma para todo o mundo, persistindo ainda hoje em alguns locais. No Egito, elas organizavam-se em grupos e seguiam o cortejo fúnebre. Em Roma dividiam-se em dois grupos: “as que cantavam os elogios do defunto e as que choravam estridentemente diante da fogueira onde o cadáver fora deposto para a incineração”.³²

Acreditava-se também, no Nordeste, que na “viagem” para o outro mundo, a alma passaria em frente à casa de São Roque ou São Lázaro, protetores dos cães. Ali havia água fresca e alimentos. Mas, se a alma tivesse maltratado os cães durante a vida, seria atacada por eles.

Por esse motivo, diz Cascudo, havia “a promessa a São Roque ou São Lázaro de oferecer um farto jantar aos cachorros.”

Depois do enterro rezava-se a missa de sétimo dia e fazia-se a “visita de cova”. Cascudo lembra que a tradição cristã da missa de sétimo dia vem do Judaísmo: *Número* 19, 11-12, diz que quem tocar no morto ficará imundo por sete dias. A missa de sétimo dia seria uma forma de “limpar” os que tocaram o defunto.³³

Na Europa pré-cristã, os gregos e os romanos guardavam o corpo durante sete dias, queimando-os no oitavo e enterrando as cinzas no nono.

Por outro lado, no Nordeste, o “anjinho” morto tem destino diferente do adulto. Considera-se “anjo” a criança que morreu “inocente”, sem chegar a usar a razão. Se morreu batizada passa rapidamente pelo purgatório e vai para o Céu e para vomitar o leite materno: ninguém entra no Céu, nem mesmo os anjinhos, de barriga cheia.

³¹ CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Funart, 1983.

³² Idem. *Ibdem*.

³³ Idem. *Ibdem*.

Se o anjinho morrer sem ser batizado, vai para o limbo: não é Céu nem inferno, nem bom nem ruim, apenas um lugar neutro. Mas as almas desses anjinhos não se conformam e querem ir para o Céu. Então descem à Terra e rondam os vivos, pedindo que os batizem:

Ficam em certos lugares, chorando fino, um choro estranho e típico, choro de menino-pagão. No Recife há um lugar denominado ‘Chora Menino’, cujo topônimo* vinha dessa referência. Durante a noite, nos arredores dos cemitérios, capelas pobres, encruzilhadas, ouvem o choro miúdo e contínuo e o sussurro de vozes abafadas. O remédio, para quem tiver coragem e piedade, é sacudir um pouco de água benta na direção dos anjos e dizer, alto e sem tremer, as palavras do batismo: Eu te batizo em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santa! Ouvirá vozes agradecidas e como uma revoada de aves em vôo disperso.³⁴

Na descrição de Cascudo percebem-se como antigas crenças sobrevivem nos costumes contemporâneos. Culturas populares tradicionais, como a nordestina, permitem perceber como os hábitos das sociedades industrializadas estão impregnados dessas velhas crenças.

No Brasil, até recentemente, a morte era seguida da “guarda” do defunto. As famílias procediam como seus ancestrais: constada a morte, lavavam o morto, vestiam-no, colocavam-no em um caixão na sala nobre da casa. Os parentes e amigos vinham reverenciá-lo; oravam, choravam, cantavam. O padre benzia o defunto e uma procissão compungida o levava ao cemitério. Lá, mais rezas e pranto, bênçãos sacerdotais, e o morto era enterrado, numa cova cuja origem se perde nos primórdios da história do homem.

I.b. O Fim do Luto

Hoje, tudo mudou. A mudança do local de morrer – atualmente, predominantemente nos hospitais –, influiu nos sentimentos sobre a morte. Em muitos casos, a dor foi substituída pela impaciência. No mundo moderno, providenciar o enterro, vencer a burocracia e pagar a conta, tornou-se um peso acompanhado de

* Nome próprio de lugar.

³⁴ Idem. *Ibidem*.

irritação com o defunto. Perde-se tempo, por isso os velórios são rápidos, e quanto mais industrializados a sociedade, maior o uso do crematório. Cremando-se o defunto e livrando-se das suas cinzas, acaba-se a “obrigação” de ir “visita-lo” no cemitério no Dia de finados.

Isso leva a outra constatação: a família que tem um morto está em desvantagem, vai perder tempo e dinheiro. Tal vez por isso, mais que por motivos filosóficos ou religiosos, já não se demonstre o luto quem sabe a superação de velhos valores estejam na ordem.

As roupas pretas desapareceram há mais de cinquenta anos, segundo Rodrigues. As tarjas negras nas mangas da camisa ou do paletó são desconhecidas das pessoas de menos de 50 anos. Mostrar o luto, hoje, é mostrar uma “desvantagem” ou, no mínimo, uma chateação. Na sociedade consumista – a não ser quando ele serve para a ostentação, como os ricos embalsamados nos Estados Unidos -, o morto é um chato.³⁵

O sociólogo inglês Geoffrey Gorer foi o primeiro a observar a importância do luto, no momento e que ele era abandonado, nos meados da década de 50. Nas sociedades industrializadas, as pessoas começaram a desprezar o luto, submetendo-se aos novos costumes com relação à morte. De lá para cá, cada vez mais, quem perde um parente, amante ou amigo deixa de emitir sinais de dor, não lança apelo de socorro nem pede conforto sentimental. Vive-se isoladamente a dor. Durante o luto, era comum as pessoas se solidarizarem e demonstrarem carinho. Hoje, o fim do luto ostensivo contribui para aumentar o sentimento de angústia e isoladamente.³⁶

É claro que mesmo condicionadas pelas formas do morrer, acreditamos que as pessoas sentem uma dor sincera. Mas já não há o costume de, com o luto, avisar que estão sofrendo – aquela antiga roupa ou tarja preta era pedido de solidariedade. Isso acabou.

Por outro lado, não se pode deduzir que essa nova situação tenha decorrido de uma perda da sensibilidade. São as imposições da sociedade industrial que se sobrepõem aos sentimentos. De tal forma que a maioria das pessoas, mesmo sofrendo, finge certa indiferença, para não se diminuir diante dos preconceitos sociais.

Mas a mudança não foi substancial. Há um certo retorno, exceto pelo fato de o morto ser levado a um velório particular. Não acabaram as rezas, orações, o pranto e o sacerdote. A mesma procissão contrita acompanha o defunto do velório à sepultura, às

³⁵ RODRIGUES, José Carlos. Op. Cit.

³⁶ GORER, Geoffrey W. *O Imaginário do Luto no Ocidente no século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

vezes a poucos metros. E, não raro, parentes e amigos mais íntimos reúnem-se depois na casa do falecido, para uma ceia de despedida.

Por mais que se diga que hoje se banalizou a morte – como vemos constantemente essa tentativa através da televisão – e que ela não tem a mesma importância de anos atrás, o que se constata é apenas uma mudança formal. As cerimônias continuam basicamente as mesmas e a perplexidade e o medo diante da morte talvez seja até maiores.

A morte deixou de ser solene nas sociedades urbanas, industriais. Por outro lado, as crenças que os nordestinos puseram em prática, a seu modo, através do seu cotidiano, da sua cultura típica, principalmente nas comunidades rurais, a seu modo, reproduzem conceitos sobre a morte cujas raízes são milenares e solenes.

Capítulo II

Goiabeira: História, Tradição e Cotidiano

A comunidade de Goiabeira está localizada a 22 km do município de Cajazeiras.

Constituída por um conjunto de sítios, a região compreende uma área de cerca de 400 alqueires e população de 62 famílias somando um total de 512 pessoas, segundo dados da Prefeitura de Cajazeiras.*

Atualmente, Goiabeira conta com um posto médico, uma escola de ensino fundamental, uma capela, uma cooperativa e um templo da Assembléia de Deus, um campinho de futebol, uma pequena pracinha, dois cemitérios (um desativado) e seis vendas comerciais.³⁷

Goiabeira é estritamente agrícola e de cultura de subsistência. Segundo uma obra³⁸ encontrada na biblioteca pública de Cajazeiras, o primeiro morador da região foi Raimundo Venceslau Braz. Natural do Ceará construiu um pequeno sítio próximo a um riacho temporário, o qual deu origem ao nome do lugar de “Goiabeira”, nos idos de 1880.

Hábil agricultor e criador de bodes, Raimundo Bráz, como era conhecido, iniciou sua rápida prosperidade no lugar, o qual a partir de 1890, passou a atrair cada vez mais pessoas de regiões longínquas e, principalmente, da localidade de Cachoeira dos Índios (também antigo distrito de Cajazeiras), e São José de Piranhas.

Com a chegada de novos imigrantes, a região passou a diversificar a sua economia com o cultivo de milho, feijão, mandioca, jerimum, algodão, etc. Os excedentes produzidos eram comercializados na cidade de Cajazeiras, onde o excedente da produção respondia por uma significativa parcela do abastecimento alimentício da cidade. Nessa época, Goiabeira já contava com cerca de 22 famílias somando um total de 160 pessoas. Dentre as famílias mais numerosas, encontravam-se os Bráz, os Barbosas e os Florenços. Eram famílias de hábitos profundamente religiosos, devotas de São José, santo que tornou-se o padroeiro da comunidade.³⁹

* Prefeitura Municipal de Cajazeiras – Secretaria de Planejamento. 2006.

³⁷ No Sertão Paraibano, venda significa todo e qualquer pequeno estabelecimento comercial (quitanda, mercearia, bodega, e outros).

³⁸ DANTAS, João Sebastião. Pequena História do Município de Cajazeiras, 1984 (mimeo).

³⁹ Idem.

Por volta de 1898, iniciativa dos Florenços foi construída uma pequena capela. No dia 19 de março de 1899, foi rezada a primeira missa na capela dedicada a São José, pelo padre Inácio Fagundes de Azevedo. Após a missa, houve uma grande festa no local com muita comida e bebida para todos. Vale lembrar que, apesar da seca neste período, havia bastantes alimentos que foram estocados no ano anterior para essa festa. A festa constituía-se numa promessa ao santo padroeiro, para um bom inverno do ano seguinte. Até a década de 1920, a boa safra permitiu que a comunidade de Goiabeira permanecesse razoavelmente estável, convivendo e superando as adversidades climáticas típicas do Sertão Nordestino. Goiabeira enfrentou as agruras das secas, a bonança de bons invernos, contando com grande produção de algodão da qual era transportada carregado por tropeiros para Campina Grande.

A década de 1930 tem como marco o início da decadência da localidade. Três fatores constituem o cerne desse processo: Primeiro, o medo provocado pelos boatos de ameaças de saques da região pelo bando de Lampião. Ainda que o local apresentasse condições de defesa, porém, muitas famílias preferiram migrar e recomeçar a vida em outras regiões distantes dali; indo principalmente para Juazeiro e Crato, no Ceará. E em função das promessas do Padre Cícero de transformar tais localidades em “manancial de leite e mel”. Mas, por outro lado, havia a proteção contra os saques de Lampião, já que este era devoto de Padre Cícero e o atendia nas suas recomendações, o sangue nunca aconteceu.

Segundo, o medo em função dos boatos de que a Coluna Prestes iria passar pela região e confiscar todos os bens. Muitas famílias migraram para a cidade de Cajazeiras, interior de Pernambuco e Ceará. A maior parte dos que ficaram eram moradores que haviam a pouco tempo chegado ao local, sendo que alguns eram remanescentes das tropas do Coronel José Pereira da Revolta de Princesa (Princesa Isabel), nas décadas de 1930/1940. No final a cidade foi atravessada sem invasões ou saques, nem do bando de Lampião nem da Coluna Prestes. Porém, mesmo com a retomada do crescimento populacional, com a chegada no final da década de 1940 de várias famílias, o desenvolvimento econômico não fora retomado. Secas longas e periódicas assolaram o Sertão fazendo com que as suas populações mal sobrevivessem. Diante disso, Goiabeira já não era mais a mesma. Já não representava mais o potencial econômico de outrora.⁴⁰

⁴⁰ MELO, José Octávio de A., RODRIGUES, Gonzaga (ORGs). Paraíba: *Conquista e Povo*. Grafset: João Pessoa, 1993.

O terceiro fator aconteceu em meados da década de 1950. A construção da cidade de Brasília atraiu grande leva de nordestinos com a promessa de trabalho e prosperidade. Muitos homens deixaram as suas famílias, em Goiabeira e rumaram para a construção da nova capital do país, Brasília. É importante observar que este fato representa o marco inicial de um processo que perdura até hoje os homens de Goiabeira, na sua maioria, migram como trabalhadores para os grandes centros urbanos próximos como Campina Grande, João Pessoa e Recife. Retornando nos finais de semana ou do mês para sua moradia. A partir de então, Goiabeira tornou-se uma região de perspectivas cada vez menores, com qualidade de vida sofrível, típica das zonas rurais do Sertão Nordeste. Ainda hoje, a maioria dos rapazes e moças ao atingirem a maioridade, saem da comunidade em busca de empregos, estudos e novas perspectivas.

Mas, em meados da década de 1990, algumas conquistas foram iniciadas no local a partir da formação de uma cooperativa.

Registrada como Associação do Núcleo de Integração Rural de Goiabeira (ANIRG), fundada em 30 de Janeiro de 1995, tendo estatuto próprio e toda documentação legal para o funcionamento de suas atividades, Goiabeira ganhou novo impulso econômico.

A cooperativa foi organizada pelo povo local juntamente com técnicos da EMATER, e constitui uma forma organizada de reivindicar melhorias para a população incluindo esta no Projeto Cooperar.⁴¹

Através dessa cooperativa foi possível a aquisição de um posto médico em 1997, uma cisterna coletiva, a ampliação da escola (2002), a construção de um novo cemitério (1996), aquisição de uma cisterna coletiva (2001), eletricidade (1998), e mediante os recursos da paróquia de Cajazeiras, incluiu a construção de uma nova capela, já que a primeira perdurou até 1932.⁴²

Contudo, o espaço de Goiabeira vêm se modificando tanto em termos físicos quanto sociais. A relação na concepção de espaço-tempo concebido no imaginário dos moradores de Goiabeira é estritamente relacional ao seu modo de pensar, sentir e agir enquanto visão do “sítio” como seus moradores o denominaram ao longo do tempo. O sítio continua sendo o espaço, o tempo e o imaginário desses moradores.

⁴¹ O Projeto Cooperar, segundo cartilha da organização do projeto, consiste numa ação do Governo da Paraíba, dentro do Programa de Combate à Pobreza, desenvolvida com recursos do Banco Mundial e contrapartida do Tesouro Estadual, com o objetivo de dar apoio aos projetos comunitários localizados nas áreas rurais do Estado.

⁴² DANTAS, João Sebastião. Op. Cit.

II.a. O Espaço

A noção de espaço aqui tratada será a partir da concepção de Michel de Certeau (1994),⁴³ ou seja, o espaço como o “lugar praticado”, mas, necessitando ser vivenciado para caracterizar-se enquanto espaço.

Neste sentido, não são as características físico-climáticas que tornam o lugar “Goiabeira” enquanto focos, mas a partir das formas como as pessoas vivem historicamente Goiabeira enquanto área de sítio, vizinhança, compadrio, amizade e, principalmente, relação de pertencimento.

Pierre Bordieu (2001)⁴⁴ acentua três significados para o espaço ocupado que correspondem a espaços simultaneamente físicos e sociais: Um dos significados da palavra sítio o refere a um bairro rural e, como tal, a um conjunto de sítios.⁴⁵ (Pág. 248/9).

Vamos trabalhar com este conceito de Sítio por entender que ele define melhor o tipo de organização social existente em Goiabeira, quer dizer, um aglomerado de pequenas propriedades organizadas pela família e, a partir dela, desenvolvidas relações sociais dos mais variados tipos.

Continuando, o sítio é um sistema de espaço articulados entre si, Ele é pensado pelas pessoas da região como um todo cujas partes se interligam. Esse sistema não é algo “dado”, mas um complexo construído ao longo da vivência de uma ou várias famílias. Pierre Bordieu chama a atenção para a percepção de que o sítio, seja ele espaço do pai de família ou referente ao conjunto de pequenos sítios, se relaciona com o verbo situar, no sentido de organizar o espaço.⁴⁶ Associando esta referência ao conceito de Michel de Certeau, dir-se-ia que mais do que uma organização do espaço rural, o sítio também pode caracterizar-se como uma maneira de um grupo significar o “lugar”, tornando-o “espaço” no sentido em que o entende-se aqui, e construir todo o seu imaginário.

II.b. A Sobrevivência

⁴³ CERTEAU, Michel. Relatos do Espaço. In: *Invenção do Cotidiano*: 1. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

⁴⁴ BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. P.148.

⁴⁵ Nesse sentido, o termo designa um espaço que se aproxima da noção de parcela, quando se fala de “campepinato parcelar”.

⁴⁶ BORDIEU, Pierre. Op. Cit.

A vida simples do povo de Goiabeira é marcada pelas dificuldades de conseguir trabalho, água, e, ainda, enfrentam as precariedades de escola e dos transportes. Uma luta constante pela sobrevivência que atravessa a existência dessa comunidade. Como comenta Inácio, morador local:

É difícil trabalho, difícil demais. O que falta em Goiabeira é a água, a energia chegou, é difícil pegar água porque é longe. Aqui no sítio se eles tentassem botar um motor... porque um motor na seca dá para botar água dentro da casa diretamente, a pessoa se acaba rápido carregando água. (Inácio, 23).⁴⁷

Uma mostra das dificuldades enfrentadas pelo povo de Goiabeira destaca-se só em 06 de Abril de 1997 que foi inaugurado pelo governador José Maranhão a energia elétrica da comunidade através do Programa de Eletrificação Rural. Embora a energia não tenha chegado, a todas as casas, mesmo assim, existia a promessa da continuidade do programa em 1998. Fato este que veio a se concretizar somente em Julho de 2002. Além de muitas residências com TVs há uma numa pequena pracinha para que também contribua para ponto de encontro da comunidade, principalmente para rapazes e moças.

A situação também se mostra difícil para os que sempre viveram um dia melhor economicamente como diz o Sr. Juarez, ex-proprietário de uma bodega e líder comunitário. A sua mercearia não existe mais, entretanto, na casa da sua filha funciona um ponto de venda de cachaça que não deixa de ser um local onde se reúnem os homens da vizinhança, como faziam no tempo da mercearia. Em entrevista o Sr. Juarez nos diz como vive atualmente:

Eu sou aposentado, eu e a mulher, e vivo de criar, quando me aperto vendo uma vaca, um bode, um porco, assim vou vivendo. Goiabeira toda vida teve essas dificuldades, mas agora está pior do que outros tempos, o pior é a falta d'água.⁴⁸

Atualmente a maioria dos moradores de Goiabeira vive da aposentadoria dos mais velhos, do Programa Bolsa-Escola das crianças e Bolsa-Família.

⁴⁷ Entrevista concedida no dia 12 de outubro de 2006.

⁴⁸ Entrevista concedida no dia 12 de outubro de 2006.

II.c. O Cotidiano*

Tido como lugar de comprar e vender, as vendas, além de ser o lugar do comércio em Goiabeira, é o local da diversão, onde os homens se encontram nos finais de semana, quando chegam do trabalho “de fora”, para tomar uma cervejinha, uma cachacinha, enquanto conta os causos da vida e do trabalho. Espaço eminentemente masculino, estas podem ser consideradas o ambiente da confraternização dos homens do Sítio que em sua grande maioria, só podem se encontrar nos finais de semana.

No campo da moral, bodegas, por exemplo, às mulheres só é permitido freqüentar se for dia de semana e em horários que não tenham homens bebendo e, se houver, elas devem dirigir-se ao dono, que não pode estar bêbado, e comprar o que necessita saindo em seguida sem dar atenção aos homens. Então, sendo este o lugar do comércio das necessidades básicas da casa para as mulheres, e o espaço de divertimento, de orgias e palavrões para a maioria dos homens, como pode também ser para estes o espaço da prosa no roçado, do convite para ser compadre (mesmo que depois vá até a casa do futuro compadre formalizar o convite), enfim dos assuntos que envolvem as decisões masculinas.

No Sítio existem seis locais de comércio: o de Carminho, o de Mariano, o de Joel, o de Né, o de Bráz e o de Biu Lino.

O negócio do senhor Mariano está localizado logo do lado da sua casa, como se fosse parte dela, nela vende-se quase todos os tipos de mantimentos e bebidas. É lá que parte das pessoas que não podem ir à feira aos sábados fazem suas feiras que será paga no final do mês com o salário da aposentadoria ou com o dinheiro das frentes de emergência governamentais.

Segundo Mariano, desde que ele possui este comércio a mais ou menos 50 anos, que as pessoas comprem nesse sistema de pagamento e quando as não têm como pagar no dia combinado, ele espera. De acordo com o que ele falou, já chegou a esperar até seis meses. Mas depois as pessoas pagam. No entanto, seu Mariano falou que não há nenhuma correção monetária nos preços das coisas, mesmo que hajam aumentado muito. O que instiga a conclusão de que entre os vizinhos, existe uma espécie de solidariedade, que pode ser entendida como uma relação de reciprocidade, visto que, se não vender desta forma, aos vizinhos, não será possível. Ter a quitanda naquele Sítio,

* As informações aqui descritas foram coletadas através de entrevistas realizadas entre os dias 29 e 30 de setembro e 12 e 13 de outubro de 2006. e também, através da observação direta, considerando a minha convivência no local, pois o freqüento a longo tempo, visitando parentes que lá possuem.

pois esta é a única forma que eles podem manter estas relações, pois podem ser consideradas maiores do que as questões econômicas, mesmo porque, a única forma de garantia do pagamento é a palavra do comprador e uma caderneta onde são anotados todos os produtos da compra.

Na quitanda de seu Mariano, por não haver muita bebedeira, é permitida a presença de mulheres comprando quase todas as horas do dia.

A mercearia de Carminho possui as mesmas características da de Mariano, comercializando mais mantimentos do que cachaça. Mas na bodega de Né, é que os homens, geralmente os rapazes solteiros, ou os que estão desempregados, passam parte da noite bebendo e jogando. Segundo a filha de seu Né é freqüente que se chegue a amanhecer o dia bebendo na venda que também fica junto da casa, com uma porta que dá direito para o quarto do casal.

II.d. O Lazer

Goiabeira também é lembrado como um lugar de festas, alegria e “tempo bom”. As festas nos Sítios ainda são lembradas como as melhores. Segundo dona Maria Divina:

Quando eu era nova, a gente dançava muito. Na época meu tio sanfoneiro, “dos bons” Gonçalo Né, era trinta e uma noites do mês de maio que agente dançava. Mas ninguém nunca viu esse desespero que tem hoje, um escândalo muito grande o de hoje... a gente não chamava nome feio na vista da mãe. A gente tinha respeito... tinha festa direto, a minha vó, ela rezava o mês de maio e a gente dançava trinta e uma noites, nunca houve uma briga. Rezava a novena e depois saía da casa da minha vó e ia para a casa do meu tio que era quem tocava.

Aos domingos, além das visitas freqüentes aos familiares, os homens principalmente os solteiros, jogam calorosas partidas de futebol, “racha”, no pequeno campinho de peladas. Em muitas dessas partidas, ocorre às apostas entre “os casados e os solteiros”, valendo como prêmio um bode assado com alguns litros de cachaça. Porém, as maiores apostas ocorrem somente em ocasiões especiais, como a festa do padroeiro, São José, ou feriados nacionais.

Para os demais homens que não jogam nem assistem futebol, normalmente, o lazer deles consistem em jogos de cartas, dominós, damas, entre outros.

Entretanto, uma das opções de lazer preferidas pelos homens em geral – casados e solteiros – é freqüentar o cabaré “Boca-Quente”, que fica nas proximidades da região.

Indo-se no sentido de Cajazeiras – Goiabeira, acerca de dois quilômetros e meio antes de Goiabeira, acerca de dois quilômetros e meio antes Goiabeira, percebe-se um grupo de três casas; duas conjugadas e uma um pouco distanciada das outras. Estão um pouco além da margem da estrada, e chamam à atenção pelos seus detalhes pouco comum nas demais casas da região: de pau-a-pique, cobertas de telhas, com suas varas aparecendo por entre o reboco de barro pintado de cor-de-rosa, e ainda guardando das eleições passadas propaganda política.

Estas casas são cercadas por estacas e arame farpado, sempre com pequenas portas abertas e janelinhas fechadas. O que as fazem diferente das demais casas, é o fato de na sua frente haver touceiras de mato – o que não é comum ser percebido em nenhuma casa da região. Ali é comum encontrar-se algumas pessoas conversando – geralmente rapazes – com mulheres, no lado da sombra da casa.

A peculiaridade das casas chama a atenção, também, pela sua animação; a qualquer hora do dia ou da noite, a música, as risadas, a alegria tomam conta do ambiente. Segundo comentários dos moradores no Sítio.

Confesso que fiquei bastante curiosa e, depois de um certo tempo resolvi me informar sobre elas. Na verdade o meu objetivo era apenas confirmar a minha primeira impressão sobre elas: “um cabaré”.

Entrevistando o Genival,⁴⁹ ele me informou:

Aqueias casas era do finado Orlando. Home trabalhador, home de respeito, e muito boa pessoa, muito prestativo de quem precisasse deie. Home sempre disposto a ajudar os otros. Mas dispôs que o finado Orlando morreu e dispôs que a muié dele, Dona Filiciana, também morreu, essa fia dele transformou a casa dele nisso aí, sabe!?

Segundo o informante, a filha do finado Orlando foi casada durante muitos anos, mas não teve filhos homens, somente duas filhas. O seu marido, “Toin do Dico”, a abandonou após o nascimento da segunda filha. Foi embora para Brasília e não mais voltou.

⁴⁹ O senhor Genival é um agricultor de 75 anos e morador em Goiabeira. Ele não participou das entrevistas posteriores, sobre os rituais da morte, porque no período destas, se encontrava doente e internado em hospital em Cajazeiras. (Eryka).

Continua seu Genival:

Aí, em pouco tempo dispôs que Toim se foi embora, ela começou a ter caso escondido com Zé Tota, fio do Luís Tota. Aí a dispôs cumeçou também com ôtros home, e aí foi fazendo esse dirmantelo. Pouco tempo a fia mais nova apareceu de bucho e a mais véa se casou com um rapaz da cidade (Cajazeiras) e foi morar p`ra lá. Ficou aí só elas duas, a mãe e fia, dispôs foi chegando ôtras, e hoje tai esse dirmantelo, viu?!

Oía, ali naquelas casas todo sabo tinha forró, num sabe? Aí a gente foi veno aquele dirmantelo, mei mundo de home, dançando com as muié de lá, e uma bebedera danada e de madrugada ficava aquele bucado de home casado bêbo, namorando com aquelas moça de lá. Aí cumeçou a ter briga, sai faca, e aí o povo cumeçou a chamar ali de “boca-quente”, e até ôje é “boca-quente” mermo.

Outras informações dão conta de que das três casas, a mais afastada é onde mora a mãe e a filha,⁵⁰ nas outras, uma funciona como bar e salão de festa; e na outra estão os quartos das “meninas”.

Ao todo, “boca-quente” trabalham seis meninas, cinco de fora e a filha da proprietária – a filha do seu Orlando. A dona, (proprietária) administra o “negócio” e só “atua” em condições especiais.

Durante a semana o movimento no local é considerado normal. Porém nos finais de semana o movimento é grande, onde muitas vezes há brigas em função ou da falta de bebida ou por causa da demora de uma “menina” com um cliente no quarto. Como às vezes a “fila” está muito grande, essa demora no atendimento gera pequenas confusões.

Segundo dizem os rapazes, a dona sempre contorna a situação prometendo trazer mais “meninas”, porque principalmente, no período de eleições o movimento aumenta muito: políticos locais passam a freqüentar o ambiente, pedindo votos aos clientes e em troca pagam a cachaça e a “deitada” com a “menina”.

Entretanto, confusão maior surge é em Goiabeira quando uma das “meninas” aparece grávida; ninguém sabe quem é o pai e aí, o boato corre solto: “é de fulano”; “é de sicrano”, “mas é à cara dele!”; “mas fulano foi o último a ir nela, é claro que é dele, só pode ser!”

Isso provoca muitas confusões, principalmente aos homens casados. Um deles me confessou:

⁵⁰ Por questões éticas, não citarei nomes.

Ocê ta veno essa marca aqui, ó! Foi uma pedrada na cara que eu levei da mia muié! Ela é braba, sabe?! Foi quando istôrou o buato de que uma “minina” lá, estava buchuda de mim. Ah! Entonce quando a coisa bateu no ôvido dela, que quando ela perguntou. Eu nem cheguei a responder dirêto: sô setie foi a pedrada cumendo a mia cara. Fiquei dois dia deitado na cama com a cara inchada, sabe?!

Outro grande motivo de revolta é quando um dos homens aparece “doente” (com doença venérea). Um deles, que ainda estava em tratamento me falou:

Eu sou solteiro e fui lá muitas vêz. Mas depois dessa, acho que não vou mais, não! Essa vez eu dei azar: foi a primeira vez que tôrei ela (...) e a infiliz me botou essa praga. Agora, é tomar os antibioti e ficar bom, né! Mas depois eu acho que não vou lá mais não, sabe?!

E assim o “Boca - Quente” segue, promovendo diversões, brigas, separação dos casados, terminando namoros, raiva e admiração. Sem ele, talvez fosse pior. Por isso, o “Boca – Quente” segue a pleno vapor.

Entretanto, outro tipo de festa agita Goiabeira. Trata-se de um evento muito interessante, a festa de casamento, do qual falaremos a seguir.

II.e. A festa de casamento

No dia 29 de setembro eu me encontrava em Goiabeira para continuar a observação do cotidiano dos moradores e fazer mais entrevistas com estes. Nesse dia, porém, fui convidada para o casamento de uma amiga que seria realizado no dia 15 de outubro.

No dia 11 de outubro retornei para Goiabeira. Fui quatro dias antes do casamento porque pretendia observar, desde os preparativos deste, até a realização da festa, nos mínimos detalhes.

Portanto, vale lembrar que a descrição a baixo é fruto de observações direta, participante. E, em menor grau, é resultado, também, de algumas entrevistas realizadas nos dias 12 e 15 de novembro.

A festa de casamento em Goiabeira não mobiliza apenas as duas famílias envolvidas, mas praticamente à maioria dos moradores. É freqüente perceber a

ansiedade das pessoas em ver realizar-se aquilo que é esperado que aconteça a qualquer moça e rapaz, havendo então uma “cobrança” pelo casamento, principalmente para a moça.

Assim que ela se “forma enquanto moça”, já inicia o desejo de boa sorte para arranjar um bom casamento; para aquelas que não o consegue, o “castigo” é ser chamada de “coroa” e não ser reconhecida pelas pessoas como “boa dona de casa”; ou ser tida como muito feia e sem jeito.

Nesse sentido, quando um casal começa a “firmar namoro”, iniciam-se logo as indagações: “quando casa?” “Quando é que vamos comer o peru?”⁵¹ Havendo, assim, uma cobrança social pelo casamento dos dois.

Quando o casamento está marcado,⁵² iniciam-se então os preparativos para festa, que deve ser sempre no dia de domingo pela manhã, pois como disse Geruza, o casamento no Sítio só presta se for de dia, para que tenha festa com almoço, “*pras pessoas num sair falano*”.

O processo de realização do casamento envolve uma série de pequenos rituais que são elaborados e praticados ao longo de um certo tempo: uma semana antes é necessário “*Botar os banhos*” (colocar os nomes no cartório), e casar no civil. Porém, os noivos continuam separados em suas casas, até chegar o dia em que acontecerá o casamento considerado “certo” para as pessoas de “boa família”, que é o casamento religioso.

A organização da festa começa três dias antes do casamento, quando se inicia a preparação das comidas que serão servidas na festa. Neste dia, geralmente a sexta-feira, - lembrando que os casamentos no Sítio acontecem quase invariavelmente aos domingos – a família da noiva já começa a se mobilizar para arrumar a casa e a comida para a festa: a cozinheira, geralmente a mãe da noiva, e, com a ajuda desta, começa a preparar as carnes em uma mesa que fica na parte de fora da cozinha. Primeiro matando as criações (galinhas, perus – os porcos quem matam são os homens) que serão as carnes da festa. É interessante observar, que estas comidas são preparadas à noite, horário em que, em dias normais, as pessoas reservam para conversar, ver televisão e dormir, e não para cozinhar.

⁵¹ O peru é o prato típico de casamento em Goiabeira. Hoje, segundo Geruza, já tem comidas mais sofisticadas, mas antes era o peru, a galinha, a carne de boi como mistura e feijão, arroz e farofa, que eram servidos no casamento.

⁵² Para que o casamento esteja marcado é necessário que os noivos já tenham a casa e a mobília (responsabilidade do noivo) e o enxoval (produtos de cama, mesa e banho) que é responsabilidade da noiva, como informou Geruza em entrevistas no dia 12 de outubro de 2006.

Esta tarefa de preparo das carnes dura até mais ou menos meia noite, e é feita na parte de trás da casa, lugar que normalmente não se frequenta a noite, pois há perigos decorrentes das incertezas da escuridão. Mas que nestes dias, porém, são ignorados. A cozinha também nestes dias deixa de ser o ambiente mais feminino da casa e passa a ser frequentada por todas as pessoas que chegam para ajudar a preparar a festa.

O sábado é o dia mais longo na preparação da festa, onde as pessoas devem preparar todas as comidas e bebidas na cozinha ou na sala de copas. A casa é ocupada quase por inteiro por pessoas do local que vem ajudar, além de familiares que moram fora do sítio ou que chegam como visitas para o casamento. Neste dia as portas não ficam fechadas, havendo um grande trafego de pessoas pela casa inteira.

É frequente perceber o noivo entrando e saindo por entre os cômodos da casa, coisa que antes não era permitido. Mas que é conquistado apenas pela certeza da família da noiva de que o casamento irá ocorrer. Contudo, vale salientar que não há momentos em que os noivos fiquem sós.

O dia do casamento começa muito movimentado não apenas na casa dos noivos, mais em toda a região as pessoas devem adiantar suas atividades para poder participar da festa.

Na casa da noiva há uma grande acumulação de pessoas por todos os cômodos, principalmente no quarto onde ela está sendo arrumada (o quarto da mãe). Lá há uma concentração de mulheres que fazem questão de ver vestindo a noiva, enquanto outras se arrumam para também irem à Igreja ver o casamento. Enquanto isto, na casa do noivo este se arruma, para que fique pronto um pouco antes da noiva, indo depois até a casa dela com o objetivo de verificar se está tudo bem e de falar pela última vez, antes do casamento, com os pais da noiva.

Tudo pronto. A noiva sai do quarto com o seu vestido branco comprido e acompanhada por duas damas de honra que acompanha no carro⁵³ até a Igreja. Atrás do carro em que estão vão alguns outros carros lotados de convidados que se penduram em cima e na traseira destes para poderem chegar à cidade.

Na frente da Igreja, a noiva fica esperando dentro do carro até que acabe a missa para que os parentes e amigos comecem a entrar na Igreja. Ela entra com as damas de honra logo a sua frente. Enquanto todos a olham, até que o padre celebre o casamento.

⁵³ Normalmente os carros utilizados nesses e outros eventos no sítio, são de parentes ou amigos residentes na cidade de Cajazeiras.

Depois o casal e os convidados saem da Igreja e se dirigem até os carros que esperam para voltar a casa onde será realizada a festa.

Na volta do casamento os noivos e os convidados se dirigem até a casa dos pais do noivo para receber as bênçãos. Em Goiabeira os pais do noivo e a mãe da noiva não vão para a Igreja assistir a cerimônia religiosa. Por isto há necessidade de antes de chegar na casa da noiva, onde a festa acontecerá oficialmente, os noivos e convidados passarem na casa dos pais do noivo para receber as bênçãos. O ritual das bênçãos é realizado na sala como forma de consolidar a passagem dos noivos da condição de solteiros para casados.

Contudo, neste momento solene, os noivos (agora casados) devem escutar com atenção todas as palavras ditas pelo pai, que além de desejar que sejam felizes, explica como deve ser a vida de casado: o pai, em pé, na frente do casal – que fica sentado em cadeiras em frente à porta – repete com suas palavras todo o ritual católico feito pelo padre; mostrando a importância de alguns princípios como a fidelidade e confiança. Suas palavras são aplaudidas e confirmadas como verdadeiras e sábias pelas pessoas que estão na sala ou na parte de fora da casa, ouvindo nas janelas.

Depois do ritual da bênção, que durou cerca de uma hora e trinta minutos, as pessoas se dirigem para a casa da noiva, seguindo sempre o carro do casal. Lá acontece o que as pessoas de Goiabeira chamam de “gesta do casamento”.

Ao chegar na casa dos pais da noiva, o casal fará parte de um outro ritual; a bênção dos pais da noiva, que geralmente é seguido de choro da mãe.

Depois de falarem algumas palavras e os pais abraçarem o casal, é servido o almoço. Neste momento são observadas as relações de poder e influências existentes no sítio. Tais relações são perceptíveis nas preferências e desatenções na hora de servir o almoço: há os que devem ser servidos primeiro e que, por sua vez, servem-se dos “melhores” e mais “bonitos” pratos. Na chamada primeira mesa, são servidas as pessoas da cidade e as testemunhas do casamento; só depois é que são servidas as pessoas do Sítio, por serem consideradas mais íntimas.

Quando termina a parte gastronômica da festa, as pessoas se espalham pelo terreiro, calçadas e sala. Nestes ambientes acontecem as mais diversas relações; desde paqueras entre as moças e rapazes, até conversas de pessoas mais velhas que, enquanto lembram do seu casamento refletem sobre a importância deste na vida das pessoas. Segundo elas, este é o segundo dos três principais eventos da vida de uma pessoa: o nascimento, o casamento, e a morte.

Depois de algumas horas que o “arrasta-pé” (fórró) anima as pessoas, a noiva chama a todos para partir o bolo. Este ato não necessita de nenhuma cerimônia especial: a noiva apenas fica à frente do bolo para tirar fotos e depois ele é cortado por uma das mulheres que ajudarão e servir.

Entretanto, o bolo nem sempre fez parte das festas de casamento em Goiabeira. Segundo as pessoas mais idosas, como Dona Zefinha de Né, que diz, em entrevista no dia 15, que “só tem bolo nos casamentos mais modernos. Antigamente num tinha, não. Era só o almoço mesmo na festa”. É interessante observar, que em outras culturas o bolo é percebido como um importante símbolo do casamento; e o ato de parti-lo significa a separação dos noivos das suas famílias.⁵⁴ Porém, em Goiabeira nenhum significado lhe é atribuído além de “enfeite para festa”, sendo este, também, apenas parte da comida na festa.

No final da festa, os convidados que ainda estão presentes vão levar o casal em casa. Lá as pessoas conversam um pouco e logo deixam a casa. Mas na casa dos pais da recém casada, a festa ainda não terminou: as pessoas da casa e alguns vizinhos se organizam para trazer as coisas de volta ao seu lugar “normal”. Porém, parece que é preciso mais alguns dias para que tudo volte à normalidade.

Quanto à cultura religiosa, esta é muito interessante. Entretanto este será o tema a ser abordado no capítulo seguinte.

⁵⁴ BORDIEU, Pierre. Op. Cit.

III Capítulo

A Ritualização da Morte em Goiabeira: permanências e reelaborações da tradição histórica

Toda casa em Goiabeira é dotada de significados dos seus espaços internos e externos para a família. Nesse sentido, é necessário que se leve em consideração que a significação dos espaços pode mudar no tempo. O tempo sendo uma categoria que transita na representação social dos indivíduos entre a lembrança, a linearidade, a circularidade e a extraordinariedade, pode definir, de forma diferente os mesmos ambientes. Sendo assim, o espaço da sala numa casa católica, transforma-se, no dia extraordinário da novena, em um local sagrado, no qual são reverenciadas imagens de santos.

Nas paredes da sala da casa do sitiante católico de Goiabeira encontra-se, sempre, imagens de santos em quadros ou pequenas esculturas. Eles possuem fitas amarradas na parte inferior, ou aos pés. Geralmente, estas fitas são amarradas como pagamento de promessas que foram feitas pelas pessoas da casa. Tais promessas remetem-se, também, a uma novena que será realizada no dia dedicado àquele santo.

O rito* da novena movimenta as pessoas em torno de um ideal sagrado, que é a adoração e veneração ao santo em um ritual denominado de novena⁵⁵ ou terço, havendo uma transformação de espaços significativa na casa em que esta irá se realizar principalmente na sala, local onde será criado o “altar”⁵⁶, sendo o terreiro uma extensão desta sacralidade, já que é nele que parte das pessoas assiste a novena, devendo estar, portanto preparadas para isto.

A partir de então começam a rezar. A novena é “tirada” pelo dono da casa ou pessoa que fez a promessa quando o dono da casa não sabe “tirar o terço” é que chama outra pessoa de fora para fazê-lo. A novena dura mais ou menos quarenta minutos entre

* Segundo Durkheim (1978), os ritos são regras de comportamento que prescrevem como o homem deve comporta-se com as coisas sagradas. DURKHEIM, Emile. *As formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo. Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

⁵⁵ Denomina-se novena ao conjunto de rituais realizados durante nove dias em homenagem a um determinado santo. Porém, em Goiabeira habituaram-se chamar de novena os rituais realizados em um só dia. No entanto, algumas pessoas do Sítio, corrigem dizendo que o ritual realizado em um só dia não é novena e sim terço. (Segundo o Padre Jesuino, Campina Grande).

⁵⁶ Espaço sagrado onde fica a imagem do santo para ser adorado por pessoas.

orações, leitura da bíblia, cânticos, preces, homenagens ao santo e comentários que são feitos pelas pessoas presentes a respeito da vida.

No fim da novena, as pessoas vão para o terreiro onde se soltam os fogos de artifício como louvor aos santos e, ao redor da fogueira, continuam conversando. Neste momento parece haver uma passagem do momento sagrado para o profano passando a permitir coisas antes proibidas como a paquera entre moças e rapazes que ficam pelos cantos trocando olhares desde antes da novena até o final desta, quando por fim, podem conversar. Dentro da casa, ficam às senhoras conversando sobre filhos e a vida ou contando causos de outras novenas que participaram e também falando em pecados e nas diferenças entre o tempo passado e o “hoje em dia”. No terreiro a festa continua, as crianças ficam brincando ao redor da fogueira enquanto homens conversam sentados na calçada e rapazes e moças “papeiam”, um pouco mais afastado destes.

Além de a sala ser transformado do profano para sagrado, também outros espaços da casa passam a ser redefinidos. No dia da novena o terreiro ganha uma significação maior de espaço de sociabilidade. Ele se torna nestes dias um espaço mais masculino, pois poucos homens entram na casa na hora em que está se realizando a novena, ficando pelo terreiro, meio que sondando, porém, não deixa de estar assistindo a novena, que é realizada na maioria das vezes por mulheres que ficam ali, em frente ao altar sentada nas cadeiras, nas esteiras estiradas no chão ou mesmo em pé.

Geralmente as moças puxam os hinos, enquanto as mulheres mais velhas tiram à novena ou o terço. A novena ou terço é também um dos principais “programas de entretenimento” para as famílias de Goiabeira, ao perguntar-lhes se eles fazem alguma festa à noite ou vão a algum lugar, eles responderam que só quando tem terço, então ir ao terço, meio que contraditoriamente é também se divertir. Desta forma, o sagrado está separado do profano no tempo que leva o antes e a realização da novena e o espaço da sala, onde fica o altar, já que não são permitidas conversas denominadas debochadas ou namoros e paqueras na presença do Santo, mesmo quando acaba a novena. O limite entre o sagrado e o profano pode ser um gesto de fazer o sinal da cruz com as mãos, benzer-se. O benzer-se antes significa purificar-se para assistir a novena e o benzer-se depois pode significar a separação do tempo sagrado para o tempo do profano. Assim, é com o benzer-se que começa e termina a novena, separando a hora permitida para a adoração ao sagrado e a hora permitida para ações profanas.

De acordo com Pierre Bordieu (2001)⁵⁷ nas sociedades primitivas o mundo espiritual é denominado por uma oposição fundamental: aquela entre o sagrado e o profano. Certos objetos ou seres, por força de sua natureza ou por meio de representação de rituais, são como que impregnadas com uma essência especial que consagra, os separa e lhes outorga poderes extraordinários, mas que então ou sujeita a uma série de regras e restrições.

A sala enquanto espaço sagrado que ampara um objeto divino, o santo, no dia da novena, fica então amparada por uma série de interditos e proibições que a separa dos demais cômodos da casa e do terreiro.

O que se pretende mostrar aqui é que um tempo extraordinário como o da novena, muda o significado dos espaços que são ocupados para sua realização, sendo assim, há uma íntima relação entre o tempo profano e o espaço profano, bem como entre o tempo sagrado e o espaço sagrado. O sagrado como uma categoria itinerante varia de acordo com o tempo e o espaço, que por sua vez colocam as fronteiras entre esta oposição, pois, é o espaço em que está o santo que o torna objeto de interdição, tornando a sala inteira como um espaço sagrado. Embora aquele santo estivesse nas paredes da sala o tempo inteiro, mas só o fato de trazê-lo para uma mesa a qual também é atribuído o caráter de sagrada naquele dia, tornando-se altar, faz com que necessite de rituais para se referir a ela.

Para Bordieu a oposição entre sagrado e profano elege inclusive um lado do corpo como o permitido socialmente para reverenciar divindades, sendo este o lado direito, não é permitido a reverência com o lado esquerdo entendido como o lado profano. Da mesma forma, Granet (1968)⁵⁸ percebeu que na mitologia chinesa o lado sagrado está direcionado ao do nascimento, o leste de onde advêm as bonanças, este é o lado reverenciado pelos chineses, enquanto que o lado do poente o oeste, está relacionado pelos chineses, enquanto que o lado do poente oeste está relacionado à morte, sendo por isto na representação dos chineses a representação de espaço naquela sociedade está diretamente relacionada à de tempo que também está ligada à idéia de sagrado e profano. Estes elementos são perceptíveis na imagem sagrada de um Tcheou que representava um pássaro vermelho sagrado naquela cultura e que depois de morto teve suas partes boas e ruins enterradas no leste e no oeste respectivamente.

⁵⁷ BORDIEU, Pierre. *Op. Cit.* Pp. 56-57.

⁵⁸ GRANET, William B. *Os Sentidos da Morte*. São Paulo: Paulus, 1995.

A representação social de espaço e de tempo no pensamento chinês, segundo Granet, não é puramente empírica. Ela se distingue das impressões de duração e de distanciamento que compõem a experiência individual. Mas, essa representação é impessoal, ela é imposta com a autoridade de uma categoria. Não como um lugar neutro; o tempo e o espaço se apresentam para os chineses, como para margear um conceito abstrato.⁵⁹

O tempo extracotidiano é um importante elemento para pensar a relação entre tempo e espaço numa determinada cultura. Nestes momentos, o tempo e o espaço se entrecruzam numa relação de dependência que é mais perceptível do que no cotidiano, visto que, este último é pouco questionado por ser impresso a cada dia.

O tempo e o espaço nos momentos de euforia, como o são os rituais, mudam seus significados, ficando mais aptos a serem apreendidos tanto nas falas, quanto nas ações, pois como são vivenciados como regras, nestes momentos elas são quebradas, ou deixadas de lado, para dar lugar a novas regras, que irão coordenar as ações consideradas especiais.

III.a. Os Ritos da Morte em Goiabeira

O morto em Goiabeira passa por uma seqüência ritual desde o momento do último suspiro até o sepultamento. O ritual, ainda por longo tempo, é bastante diferenciado de acordo com a idade e sexo do defunto, de acordo com a tradição da família.

O Velório

Tão logo o indivíduo morre é anunciado, ou avisado, aos parentes e demais pessoas da comunidade. Imediatamente iniciam-se as providências para o velório: as mulheres da casa se dividem em tarefas como: dá banho no morto, providenciar a mortalha, as flores, as velas; sempre ajudadas pelas mulheres amigas da família, providenciam comidas, cafês, chás e calmantes para, em alguns casos alguém da família – a mãe principalmente se encontrar em extremo abalo nervoso.

Aos homens, cabe a tarefa de providenciar o caixão, as bebidas (normalmente cachaça), a cruz e a abertura da cova no cemitério.

⁵⁹ GRANET, William B. op. Cit. P. 38.

Depois de limpo e vestido, o morto é colocado no caixão, com flores e no meio da sala, com os pés em direção à porta da rua (de entrada da casa). Logo em seguida chegam as rezadeiras, Dona Quitéria, Dona Gertrudes e Dona Zefinha de Né, rezas “oficiais”, que puxam as rezas e os cânticos à noite inteira, revezando com as demais mulheres presentes, e os homens que volta e meias comparecem na sala para dá uma olhadela no defunto e lamentar rapidamente (exceto quando já se encontra bêbado) a morte do indivíduo. Enquanto isso é servido na cozinha comida às visitas, e às vezes bolos, café e chás. Para os homens, normalmente no terreiro ou no quintal da casa, é servido bebidas (cachaça) enquanto “papeiam”, contam anedotas, etc., porém, nunca o defunto é o objeto das conversas e anedotas.

Assim, passa-se à noite no velório (a grande maioria sempre perpassa pela noite, exceto quando o indivíduo morre nas primeiras horas do amanhecer); muito pranto, comoção, muita comida, bebida, conversa, até ao amanhecer.

Após cerca de 10 a 12 horas em média, finda-se o velório, e segue-se o ritual do enterro: Os homens (nunca familiares) levam o caixão apoiados nos ombros, revezando-se quando a distância do cemitério exige. A família do morto sempre próxima do caixão e após esta os demais. Todos com flores e velas nas mãos, em silêncio, até ao cemitério.

Ao chegar a este, têm-se o último momento da despedida: abre-se o caixão ao lado da sepultura, para um último olhar no morto. É também o momento de maior pranto dos familiares e de comoção dos demais que acompanharam o morto.

Em seguida, mais uma sessão de rezas e desejos de felicidades no Céu. O caixão é fechado e descido à cova e enterrado. Findado o sepultamento, colocam-se as flores, iniciando pelo centro e do lado da cabeça em direção aos pés, pela família. Os demais colocam as flores ao redor, nas bordas da sepultura.

Termina aí o sepultamento. Todos retornam consternados as suas casas, ficando para a família visitar a sepultura em sete dias, onde nesta colocam-se mais flores e acendem-se velas, e colocam-se a cruz. Um possível túmulo só poderá ser construído a partir de um ano da data do sepultamento.

III.b. Os Elementos Rituais e Diferenciação em Goiabeira

A Mortalha

A mortalha é uma vestimenta do morto. É obrigatoriamente branca, não se permitindo nenhuma outra cor para esta. Entretanto, não se utiliza mortalha para crianças.

O Caixão

O caixão para o morto adulto é de fôrro, obrigatoriamente, branco. O caixão de crianças de um a doze anos, tem o fôrro azul e também a sua cor externa. Crianças com menos de um ano de idade, o caixão é totalmente branco.

As Folhas

Juntamente com as flores é colocado folhas de eucalipto ou alecrim no caixão do adulto; no caixão de crianças de um a doze anos, são colocados folhas de ervas cidreira, para crianças (bebês) com menos de um ano, são colocados um pouco de erva doce.

O Velório

O ritual do velório com rezas, comida e bebidas é somente para indivíduos com mais de um ano de idade; para menores de um ano, não há velório, apenas uma rápida sessão de rezas.

A Cruz

A cruz para a sepultura de crianças com menos de um ano de idade é minúscula, azul e sem pontas e sem inscrição; para crianças até doze anos de idade é média, azul, ou cinza, com inscrição; para adultos é sempre de cores escuras, evitando-se, porém a cor preta.

A Cruz Fora do Cemitério

A cruz fora do cemitério indica o local que o morto não era morador daquela região. O local da cruz indica o local onde este morreu. Ou, em alguns casos, indica o local de um acidente com vítimas de mortes. Em ambos os casos, é colocado uma cruz preta e com pontas em ambos os lados, sem inscrição. O único ritual neste caso, além da

cruz, é colocar pequenos ramos de mato ao passar por ela, na sua base (pé da cruz), e benzer-se. Prática esta, por todos aqueles que por ela passarem.

A Visita de Sete Dias

Os rituais de flores, velas, rezas, orações é somente para mortos a partir de um ano de idade.

A Água e Flores na Sepultura

Exceto no caso de crianças com menos de um ano de idade, em Goiabeira coloca-se uma garrafa de água na sepultura a cada trinta dias durante um ano, a partir do sétimo dia após o sepultamento. Por outro lado, é comum cultivar-se flores ao redor da sepultura, prática esta, a partir de um ano do sepultamento.

O Terço

Após o sepultamento do adulto, apenas reza-se uma sessão de três terços, uma vez por semana, durante o primeiro mês do sepultamento do morto. Contudo, a sessão só poderá ser realizada por pessoas de fora da família (amigos, vizinhos, etc.), sendo os familiares apenas acompanhantes na sessão.

O Sentimento

Após o sepultamento do morto, somente a partir do sétimo dia, quando ocorre a visita de sétimo dia, com a colocação da cruz, é posto o luto pelos familiares. O luto é predominantemente composto de roupa preta na qual, no caso de viúvas o têm de uso é de dois anos; No caso de outros membros da família, filhos, irmão, sogro, nora, etc. o tempo é somente de um ano.

Entretanto, essa prática atualmente está restrita às pessoas mais idosas, sendo raras pessoas com menos de cinquenta anos usarem-no de forma completa. Estes, normalmente, utilizam somente uma tênue fita preta pregada sobre o bolso da camisa, ou no colarinho.

III.c. Decifrando Significados e Estabelecendo Relações

Ao constatar os elementos rituais listados acima, partimos, então, para a tarefa de decifrar os seus significados e verificar se havia relação com rituais historicamente construídos, em épocas e culturas diversas. Para tanto, procedemos a

uma série de entrevistas* com os moradores da comunidade, entrevistas estas, as quais expõem a seguir, bem como os comentários e relações sobre estas.

(Eryka) – Em sua opinião, o que é a morte?

(Maria Divina) – Eu acredito que é uma passagem para outra vida. Não é nada de sofrimento. Há o sofrimento porque tem muita gente que sofre antes de morrer, mas para mim é como um descanso para acabar com o sofrimento dos pecadores e ter uma nova vida no Céu, cheia de paz, de felicidade, junto ao nosso Senhor Jesus Cristo.

(Geruza) - A morte é algo muito complexo, é a vida após a morte. Então a morte é o desconhecido, para nós é o desconhecido. Nós sabemos que a gente nasce, cresce e a gente tem que morrer... Então é algo muito complexo que agora, para definir o que é a morte, a gente não sabe, é algo inexplicável.

(Inácio) – Eu acho que a morte é o fim de tudo. A gente morre e vai prestar contas com deus. Se for salvo, vai para o Céu; se não for salvo, vai para o inferno.

(Brás) – A morte é o fim de uma vida, muitas vezes de sofrimento. Mas é também um modo de você encontrar a paz.

(Marenilson) – A morte é o fim de tudo. Depois que a pessoa morre, pronto, acabou! Agora a pessoa passa para o reino dos mortos e vai tentar redimir os seus pecados no Purgatório.

(Quitéria) – A morte é o encontro com Jesus. A pessoa morre aqui, nessa vida terrena, mas para se chegar cada vez mais para perto de Deus e ter a vida eterna. A morte é assim a nossa redenção para a nossa salvação.

(Oswaldo) – A morte é o pagamento dos nossos pecados. A gente morre porque peca. E, de acordo com os pecados, a gente pode ter uma vida ou não, depois da morte, porque, aí, se vai para o Céu ou para o inferno. Só uma coisa é certa: aqui na Terra, morreu, enterrou, e ponto, acabou.

* Entrevistas realizadas nos dias 08, 09, 29 e 30 de setembro; 12 e 13 de outubro de 2006.

(Luís Tota) – A morte é o fim da vida. Eu acho que com a morte, tudo se acaba. Você passa para o outro mundo e pronto, acabou-se! Vai direto p’ra Deus ou p’ro diabo.

(Gerluce) – A morte significa um descanso para o corpo. Até a Bíblia fala: viemos do pó, e ao pó retornaremos.

(Janete) – A morte é ficar sem vida, dormindo o tempo todo sem acordar. Não come, nem bebe, nem brinca e depois é enterrado no cemitério, até ir para o Céu.

(Zefinha de Né) – A morte é um descanso para outra vida melhor do que essa que a gente tem aqui na Terra. Você já tendo cumprido sua jornada aqui na Terra, chegou à hora de morrer. Todos nós temos que morrer como Jesus morreu, e chegando a hora, não tem para onde recorrer: tem que morrer mesmo.

(Francisco Alves) – a morte é uma coisa ruim, porque é uma coisa que o mais hoje, ou amanhã temos que passar por ela. Só que a gente não se prepara para ela, a gente vive e não está pronto nunca para a morte. É a única certeza que eu tenho na vida é a morte, para depois viver no Céu.

Os depoimentos acima apontam para uma imagem bastante, e até mesmo totalmente homogênea sobre a morte: “uma passagem para outra vida”.

É interessante observar que esta imagem da morte remonta às origens do sepultamento dos seres humanos, há cerca de 60.000 anos atrás.

Nas culturas primitivas, a morte era significado de algo sobrenatural, uma maldição. O medo do morto, assim, implicava na volta deste – da sua alma – para atormentar os vivos.

Com as civilizações históricas, na antiguidade, surgem as primeiras concepções de outra vida além da morte. Há cerca de 10.000 anos a.C. nas civilizações orientais, Suméria, Babilônia, Egito, Índia, China, surgem às primeiras concepções conhecidas a cerca de vida após a morte, segundo Veit Valentin.⁶⁰

⁶⁰ Veit Valentin. Op. Cit.

Entretanto, é com o advento do cristianismo, ou seja, com as religiões cristãs no Ocidente, a partir do século I, que a concepção da morte como *começo de uma nova vida*. Tal idéia implica a imortalidade da alma. Com a morte a alma se desligaria do corpo. Essa separação poderia resultar em uma vida imaterial, o que, nesse caso, a alma iria para o Céu ou para o inferno, ou então poderia fundir-se na “grande alma universal”. A partir do século XVIII, principalmente, essa concepção da morte torna-se mais acentuada como o *começo da verdadeira vida*, diz Ariès.⁶¹

Nesse sentido, a morte como o começo de uma nova, ou verdadeira, vida está diretamente relacionado ao uso da mortalha branca obrigatória, em Goiabeira. Segundo os entrevistados, a mortalha na cor branca é porque essa cor representa à paz, a luz, a pureza, como fala dona Maria Divina:

A mortalha branca é um símbolo de paz e de luz, minha filha minha filha, é para que ao chagar no outro lado, depois da morte, a pessoa não se perca na escuridão. A alma precisa de luz para chegar ao Céu. Pois esta era a cor da roupa que Jesus usava e com que foi enterrado.

Segundo Câmara Cascudo,⁶² no Nordeste, principalmente no interior, entre o século XIX e meados do século XX, era quase impossível um defunto não ser sepultado vestido, ou enrolado, com mortalha branca, porque esta era relacionada ao Santo Sudário, pano com o qual Jesus Cristo fora sepultado.

Entretanto, aponta o autor, durante o século XIX, o sentido do branco nas mortalhas era de “lavagem da alma”, purificando-a dos pecados. Ou seja, a mortalha branca era um auxílio para o morto na Redenção dos seus pecados, evitando assim que a sua alma se perca, indo para as profundezas do inferno.

Segundo dona Maria Divina, na morte de crianças não se deve vesti-las porque não há necessidade; as crianças são puras, inocentes, e já estão salvas no Céu.

Esse também é o significado do uso dos caixões com fôrros diferentes de acordo com a idade. As informações nas entrevistas dão conta de que o caixão das crianças até doze anos é azul porque é uma referência ao Céu; das crianças com menos de um ano de idade é totalmente branco, porque esses já são anjos, “são luz”; elemento, este, presente

⁶¹ ARIÈS, Philippe. *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro. Francisco Alves, 1982.

⁶² CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit.

nos caixões dos adultos porque, sendo estes pecadores, precisam de luz para guiar as suas almas na passagem para outra vida.

O fato de relacionar as crianças com a pureza, a luz, faz parte de uma tradição milenar, ganhando maior destaque a partir do século XVII, com a presença obrigatória de crianças no quarto do moribundo, como se percebe em Ariès, quando este diz que a crença na época, era de que a presença das crianças era importante para purificar tanto o local – o quarto – quanto à alma do moribundo, principalmente.

O uso das folhas de eucalipto ou alecrim, também tem o mesmo sentido; purificar a alma do morto. Segundo dona Quitéria:

Essas folhas ajudam a purificar o nosso espírito. Pois do mesmo jeito que elas (as folhas) purificam o nosso sangue. Quando a pessoa está viva, toma o chá da folha de eucalipto e alecrim para depurar e afinar o sangue que está muito grosso de impurezas; quando a pessoa morre, então essas folhas vão purificar a alma.

Dona Maria Divina também confirmar o sentido dessa prática:

É preciso que nós cheguemos ao Céu com a nossa alma livre de maus espíritos. Uma alma pura, para que não sofremos no purgatório. Assim, o cheiro da folha de eucalipto e alecrim afastam os espíritos ruins para fora da nossa alma.

A tradição do uso de folhas acompanhado o morto para ajudá-lo na sua “passagem” para uma outra vida, e ao mesmo tempo, purificar a sua alma, remonta à Antiguidade. Sumérios, Hindus e Chineses, já utilizavam folhas nos rituais de sepultamento. Entretanto, essa prática, comum nas culturas da época, tinham como objetivo impedir o retorno da alma do morto. Assim, o uso de ervas “sagradas” tinha grande importância e objetividade na garantia da permanência do morto no além-vida.

Um sentido mais próximo do prático em Goiabeira é observado na cultura do povo Hebreu, no período dos Patriarcas, a cerca de 3000 anos a.C. e que predomina até os dias atuais entre os judeus ortodoxos: essa tradição consiste em colocar folhas de romã, bem como as suas sementes, junto ao morto no seu sepultamento.

A tradição dos hebreus consiste na crença das oferendas: as folhas e sementes da romã têm o intuito de purificar o espírito do morto para que, uma vez purificado, seja

oferecido a Deus.⁶³ Assim, difere a tradição hebraica da tradição Goiabeirense, é que para os hebreus, significa uma oferenda à Deus; para os Goiabeirenses, significa apenas um auxílio (purificação da alma) para a “passagem” para uma outra vida e garantia de felicidade nesta.

Já a tradição de colocar erva doce nos caixões dos bebês parece ser tipicamente do povo Goiabeirense, pois não foi encontrada nenhuma informação a respeito e nem observado nenhum relato popular em outras localidades. Portanto, a interpretação que faço dessa tradição é que a erva doce simboliza a alimentação do bebê no período da amamentação, servindo esta, também, como remédio para dor de barriga no bebê. Pois as poucas informações dadas pelas mulheres entrevistadas dão conta de que se trata apenas de um costume, sem, porém, nenhuma explicação para o seu significado.

Do mesmo modo, o velório do bebê, por ser considerado “anjinho” não há necessidade de velório mais demorado. Este consiste apenas de uma rápida sessão de rezas em recomendação a Deus pela sua alma, e de agradecimento pela sua salvação na condição de “anjo”; e da colocação de erva doce no seu caixão, que acreditamos está relacionado no choro dos bebês não batizado, após o sepultamento. Choro este, que significa o pedido de batismo – símbolo do cristianismo, e sem o qual não se pode entrar no Céu – apontando por Câmara Cascudo, em Anúbis.⁶⁴

Assim, a erva doce seria uma forma de substituir a necessidade do choro, ou mais especificamente, de acalantar o bebê, ou também pode ser uma forma deste ser imediatamente reconhecido, no outro mundo, enquanto bebê, não carecendo de batismo, portanto, para a sua condição de anjo.

Por outro lado, há necessidade de um velório mais demorado para o adulto, com comidas, bebidas, rezas, etc. Essa necessidade, segundo o Sr. Brás:

É porque em todo velório sempre vai muita gente, os amigos, os parentes que vem de fora, vizinhos, e outras pessoas que às vezes a gente nem conhece. Mas aí, é preciso receber bem as pessoas que vem para o velório, se não é uma desfeita para a família e para o defunto. Porque todo mundo quer um velório normal, alegre... que as visitas sejam bem vindas e bem atendidas, afinal, é um momento de despedida, né?!

O Sr. Luís Tota comenta a tradição dizendo que:

⁶³ ZIEGLER, Jean. *Os Vivos e a Morte*. Rio de Janeiro. Zahar, 1977.

⁶⁴ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. Pp. 112-113.

É necessário ter comida e bebida no velório. Primeiro, porque todo velório demora muito tempo e se não tiver comida o povo não fica até o final. É preciso muita comida e cachaça para beber o morto.

Essa tradição também remonta à antiguidade. Na Suméria e na Babilônia essa prática já fazia parte dos rituais, principalmente, nos sacrifícios humanos aos deuses.

Entretanto, essa tradição de Goiabeira está mais diretamente ligada à prática apontada no Brasil no século XIX, conforme João José Reis (1997),⁶⁵ onde esta tinha como significado exibir status⁶⁶ do morto e de sua família. Nesse período os velórios eram exaltados ao máximo, de acordo com as posses do morto que, em alguns casos, contratavam orquestras, artistas, para animar o cortejo fúnebre.

É muito interessante observar que essa prática existia tanto na cultura branca, quanto na cultura negra africana. Entre estes, os rituais das festas também ocorreria, com simbologia própria, ligada às entidades do candomblé e do umbanda herdada da religiosidade dos seus ancestrais africanos.

Atualmente, principalmente no interior do Nordeste, mantêm-se a tradição de “beber o santo”. Essa tradição foi herdada da cultura africana desse período no Brasil. “Beber o Santo” significa no umbanda – onde decorre essa tradição – beber bastante cachaça em homenagem ao morto; Por outro lado, significa também uma defesa contra o retorno da alma do morto para perseguir os vivos. Segundo essa crença, ao morrer a alma passa a odiar bebida. Assim, beber cachaça durante o velório impedirá que a alma do morto venha ao mundo dos vivos, pois estando bêbada, não encontrara o caminho de volta, de acordo com Babalaorixá “Pai neném”, de Cajazeiras.

A cruz também tem uma simbologia muito forte em Goiabeira. Nas sepulturas dos adultos ela é de cor escura, porém não preta. Segundo os informantes, o tamanho das cruzes de acordo com as idades, é para indicar a condição de adulto, criança, ou “anjinho”. Essa indicação, bem como a cor dela, indica a necessidade de rezas de pessoas de fora da família do morto quando das visitas ao cemitério: se for a cruz de adulto, deve-se rezar, pois trata-se de um pecador, daí a cor da cruz ser sempre escura – cor do pecado, segundo dona Marta Divina; as demais cruzes indicam que não

⁶⁵ REIS, João José. *A Morte é uma Festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

⁶⁶ Atualmente essa prática é adotada em quase todo o mundo ocidental, segundo Júlio J. Chiavenato, Op. Cit. P. 182.

necessitam de rezas, pois as crianças são puras, inocentes. Daí a cor ser azul ou cinza – indicação de criança com mais de um ano. Nesse caso, há necessidade de colocar o nome da criança para diferenciá-la do “anjinho”.

Quanto, as cruzes com pontas, a explicação segundo os informantes, é uma defesa para a alma do morto contra o demônio. De acordo com Gerluce:

Olha, a cruz é o símbolo do nosso senhor Jesus Cristo. Ele morreu na cruz para nos salvar. Quando ele estava pregado na cruz, muitas lanças foram jogadas no seu corpo, as lanças foram jogadas no seu corpo, as lanças dos soldados, sabe?!. Então a gente coloca também essas pontas na cruz porque, como pecadores, precisamos estar atentos com a nossa fé em Cristo e afastar satanás de perto da nossa alma.

Entretanto, Júlio J. Chiavenato, aponta que no início da afirmação do cristianismo, no século III, os cristãos começaram a utilizar cruz nos túmulos, tanto para indicar que o morto era cristão, como para reafirmar a fé cristã. A partir do século IV, passou-se a adotar a cruz com ponta para simbolizar o sofrimento de Cristo na cruz, como forma – mais uma vez – de reafirmação da fé cristã.

Por outro lado, Câmara Cascudo⁶⁷ diz que a tradição da cruz com pontas no Nordeste brasileiro, além de uma afirmação da fé cristã, também tinha como função impedir a volta do morto ao mundo dos vivos, como já o faziam os cristãos no século V. Ou seja, a cruz com pontas é mais um dos elementos rituais que o ser humano desenvolveu como arma contra o medo dos mortos.

Esse também é o sentido que torna cruz fora do cemitério, e do qual contém pontas e cor preta. Além de significar que o morto não é do lugar, a cor preta simboliza o desconhecimento do caráter do morto – boa pessoa, má pessoa. Na dúvida a cor preta simboliza a necessidade de que todos que por ali passarem, rezarem para a sua alma e colocar um ramo de alguma árvore na base da cruz. Esses ramos indicam a quantidade de orações feitas para a alma do morto. Essa regra vale também para as pessoas conhecidas, seja da comunidade ou não, como afirma Geruza no seu depoimento:

As pessoas que não são da comunidade, aqui no sítio, a gente não conhece, por isso, precisam de muitas orações para a salvação da sua alma. Até mesmo, para não faltar à oração que deveria ser família.

⁶⁷ CASCUDO, Luís da Câmara. Op. Cit. 117.

Assim, quando a gente passa por uma cruz no caminho, a gente faz uma prece para aquela alma e coloca um ramo de mato. Pela quantidade de ramo a gente sabe se precisa cada vez mais de oração. O ramo é como se fosse um alimento para a alma do morto se fosse um alimento para a alma do morto, é porque a planta significa vida, que dá alimento, né! Isso é feito para seja quem for; gente de fora, desconhecido, ou por gente d'aqui, morto em acidente ou de qualquer outra coisa.

Essa tradição, contudo, já existia tanto na Antiguidade Oriental, como no Ocidental pós-cristão. Porém, como o sentido se distancia muito do sentido atual em Goiabeira, observaremos a relação com uma tradição mais próxima e de mesmo sentido, apontada por João J. Reis.

Segundo esse autor, a tradição atual de colocar algo nas bases das cruzes de indivíduos desconhecidos, tem o seu sentido originado na prática surgida no século XIX no Brasil, mais especificamente no Rio de Janeiro.

De acordo com o autor, mercadores, caixeiros-viajantes, ou quaisquer outros do gênero, quando morriam nas estradas, vítimas de salteadores, era costume colocar uma cruz no local em que a vítima morreu.* Além de assinalar o local da morte, a cruz simbolizava também o pedido de orações para o morto. Esta era – e ainda é – sempre de cor preta. Assim, as pessoas que por ela passavam, faziam suas orações e preces pela alma do morto e colocavam na base da cruz uma pedra. A quantidade de pedras, com o tempo, ia indicando a quantidade de orações feitas para o morto.

Contudo, Júlio J. Chiavenato⁶⁸ tem outra explicação para o uso das pedras: para esse autor, as pedras tinham uma função específica; como no local dessas cruzes não havia túmulos, as pedras, com o tempo, construiriam este, assegurando, assim, que o morto não saísse da cova para perseguir os vivos. Ou seja, para o autor, o uso das pedras era uma forma de impedir que o morto retornasse do além.

Assim, pois, é mais provável que em Goiabeira o uso dos ramos também seja uma proteção contra o retorno do morto. Afinal, colocam-se ramos porque as plantas simbolizam alimentos, vida. Nesse sentido, alimentar a alma do morto no além pode mantê-la por lá, sem a necessidade de esta voltar à procura de alimento, como o fazem os “anjinhos” com os seus choros pedindo batismo.

* Esse costume é adotado atualmente em todo o Brasil, em casos de acidentes com mortes nas estradas, como podem ser observados nas margens desta. (Grifo nosso).

⁶⁸ CHIAVENATO, Júlio José. Op. Cit. P. 78.

A visita de sete dias, de acordo com dona Raimunda Felícia é para reafirmar a presença do morto como ente querido da família, dos amigos, etc. Ou seja, é uma forma de manter viva na memória de todos a lembrança da pessoa que morreu, como ela informa:

A visita de Sete Dias, ela é importante não só p'ra gente, mas também para o falecido. É porque p'ra gente é importante lembrar da pessoa, p'ra gente não esquecer ela. Do mesmo jeito, a pessoa que morreu ta vendo lá do Céu que a gente não esqueceu dele, não.

O Sr. Francisco Alves dá, porém outra informação:

A visita de Sete Dias é um momento de reafirmar as nossas preces para a alma do morto. É o momento de purificação da alma para poder entrar no Céu.

Percebe-se, pois, uma inversão do significado da Visita de Sete Dias conforme aponta por Cascudo, anteriormente, segundo a qual essa tradição judaica, tem por objetivo “limpar” as pessoas que tocassem no defunto, pois estas ficariam imundas por sete dias. É bem verdade que essa tradição se refere a Missa de Sete Dias, mas para aqueles que, por força das circunstâncias, não podem dispor de padres para celebrar a missa, a visita ao cemitério, ao túmulo do morto, possui o mesmo efeito e significado; purificar aqueles que tocaram no defunto, diz o autor.

Contudo, o significado informado pela dona Raimunda Felícia não deixa de ser correto, pois, é provável que trata-se de uma reelaboração cultural, ou simples acréscimo à tradição já existente. E, mesmo porque, uma das funções do ritual na morte é preservar a memória do morto, expressa no culto aos antepassados.

Um mês após a Visita de Sete Dias o povo de Goiabeira inicia um novo ritual: na visita ao cemitério, benzem-se à entrada deste e colocam uma garrafa (de vidro ou plástico), sem tampa, cheia de água na base da cruz; rezam e colocam flores na sepultura.

Segundo dona Quitéria, coloca-se água na cova, túmulo, para que a alma do morto seja purificada durante a limpeza. E também para que não sinta sede durante a sua penitência neste, pois a água é vida, quando diz:

A água é uma necessidade para quem morre. É preciso que a alma no purgatório tenha um meio de se limpar. A água lava a alma e também mata a sede quando a pessoa tá pagando a sua penitência; a água lava a alma para poder entrar no Céu limpa, pois suja ela não entra, e aí, vai para o inferno.

E quanto às flores, ela completa:

As flores a gente coloca para que a alma encontre um jardim para viver na outra vida, um jardim bem bonito, de paz e felicidade, junto ao nosso Senhor Jesus.

É importante observar o sentido dessa tradição em relação à tradição chinesa na antiguidade: na época os chineses tinham o costume de aspergir água diariamente nas sepulturas. O objetivo era o mesmo existente em Goiabeira: limpar, purificar, a alma do morto, para uma outra vida.

Entretanto, um novo elemento a mais é acrescentado no significado dessa tradição ritual em Goiabeira: a água objetiva, também, para matar a sede; a água é um símbolo de vida.

Como não observarmos nas bibliografias pesquisadas, nenhuma referência a esse significado, “matara a sede da a lama”, acreditamos, pois, que se trata de elaboração cultural específica em função da importância e da luta pela água que existe no Sertão, como tal em Goiabeira.

Do mesmo modo, pode-se considerar também, o sentido que tem o costume de colocar flores e, posteriormente, continuá-las ao redor da sepultura. Pois, segundo Chiavenato, há 60 mil anos atrás já se sepultava mortos com flores, com o objetivo provável de enfeitá-los:

Pesquisadores do Museu do Homem, em Paris, descobriram em uma sepultura de 60 mil anos – do homem de Shanidar – grãos de pólen destruídos ao redor dos fosséis. Presumiram que os mortos haviam sido enterrados com flores ao seu redor, pois elas estavam ‘arranjadas’. Isso significa que há 60 mil anos atrás alguns homens enfeitaram os defuntos antes de cobri-los com pedras.

As bibliografias que pesquisamos, além dessa, dão conta que o objetivo das flores, tanto no caixão, como na sepultura, como também, o seu cultivo ao redor desta, tem como objetivo apenas enfeitar o defunto e a sepultura para, assim, amenizar a sua aparência macabra – enfim, reduzir o medo da morte.

O terço⁶⁹ é rezado para recomendar a alma do morto, para que esta descanse em paz, como diz Maria Divina:

O terço é rezado por pessoas amigas. Os parentes acompanham, rezando. Eu acho que o Terço é ‘puxado’ por pessoas de fora da família, é porque isso ajuda a reforçar a prece. É uma ajuda para reforçar as preces da família. É uma solidariedade, porque para a alma descansar com paz, é preciso de muita oração, de pedidos p’ra Nossa Senhora, é por isso que tem de ser pelo menos três vezes por semana. Porque é no primeiro mês que a pessoa morre e que ele vai para o purgatório para pagar a sua penitência. Assim, as nossas rezas, nossas preces, vão ajudar a alma a superar esse momento de dificuldade.

O terço também dá início ao uso do luto. Antes do primeiro dia de rezar o terço, o luto – roupa, ou fita preta -, já deve estar posto. Dona Quitéria diz que:

O luto é um sentimento profundo que se tem do amor à pessoa, ao nosso ente querido. É também uma forma de demonstrar o respeito à pessoa que morreu. É uma forma de a gente mostrar que não esquecemos de nós, lá no Céu. A roupa preta é a forma que se tem para distinguir quem está de sentimento, de quem não está. Porque nesse caso, vai ser usada todo dia durante um ou dois anos, dependendo do caso; se for uma viúva, ela não vai poder ter nada com outro homem, nem vai festa, nem nada, vai ficar triste, porque se não, ela não está de luto. O luto é tristeza, é sentimento.

Percebemos, pois, que tanto o terço quanto o luto, constitui ainda uma tradição muito forte em Goiabeira. Tradição esta, sem muita expectativa de extinguir-se a curto prazo, contrariando, assim a realidade expressa nos centros urbanos, com a completa extinção do vestuário preto como expressão de luto. Realidade, esta, apontada por Chiavenato e outros autores.

⁶⁹ Segundo a Liturgia Católica Apostólica Romana, o Terço consiste em rezar três Aves Maria; três Salve Rainha; e três Pai Nosso que, como uma única sessão, corresponde a terça parte de um rosário, segundo o padre Jesuino, de Cajazeiras em entrevista concedida no dia 20 de setembro de 2006.

Segundo este autor, a extinção do luto – enquanto uso de vestiário preto – é porque este tornou-se uma forma “chata” (uma chateação) de expressar o sentimento, a dor da perda, como diz o autor:

Mostrar o luto, hoje, é mostrar uma ‘desvantagem’ ou, no mínimo, uma chateação. Na sociedade consumista (...) o morto é um chato. (...) nas sociedades industrializadas, as pessoas começaram a desprezar o luto, submetendo-se aos novos costumes com relação à morte. Quem perde um parente deixa de emitir sinais de dor, não lança apelos de socorro nem pede conforto sentimental. Vive-se isoladamente a dor. Porque nestas sociedades, a família que tem um morto está em desvantagem, vai perder tempo e dinheiro.

Assim, constatada tal realidade nos centros urbanos, percebe-se que nas zonas rurais, principalmente no Nordeste, ainda persiste a tradição do luto, como pode ser constatado no caso de Goiabeira.

Um outro fato muito importante em Goiabeira, diz respeito ao medo de alma. Dentre as pessoas entrevistadas, somente a dona Maria Divina e dona Quitéria se disseram não temê-la. Os demais, afirmam sentir muito medo de alma, como diz o Sr. Francisco Alves:

Olha, aqui, todo mundo tem medo de alma. Eu mesmo morro de medo. Já vi duas vezes a alma de um amigo meu, lá na esquina do cemitério. Daí, eu sempre de noite que elas aparecem, né! Quando eu era rapazinho, novo, eu vi a alma do meu pai uma vez, veio me pedir água. Mas aí, agora, eu já ando prevenido: uso sempre um dente de alho roxo no bolso, toda vez que eu saio de noite. Aqui, todo mundo usa quando morre alguém, família ou amigo, sabe! Todo mundo usa um dentinho de alho no bolso, p’ra se prevenir, porque alma tem medo de alho, sabe! Ela num gosta não!

O medo do morto, ou o medo da alma do morto, é um fenômeno que acompanha o ser humano em todas as épocas e em todas as culturas. Muitas práticas foram desenvolvidas nas diversas culturas para evitar-se o encontro com elas. Chiavenato relata alguns casos de medidas preventivas contra as almas que desejam retornar.

Segundo ele, os viúvos da Nova sentem um grande medo de que a alma das suas mulheres volte para persegui-los. Assim eles só saem para passear armados de poderosos cacetes, para o caso de a alma da falecida aparecer.

Em Queensland, na Austrália, os aborígenes costumam quebrar os ossos dos mortos, rechear-lhes o estômago com pedregulhos, lacrar o caixão com grandes pregos e coloca-lo em cova funda, coberta por pedras, para a alma não sair.

No Laos, atam os dedos dos pés do morto, para que a sua alma não saia andando da sepultura.

Os índios caiapós, no Pará, amarram os tornozelos às mãos do morto, para se prevenir contra qualquer surpresa.

Na Etiópia usa-se um método estranho: amarram-se os polegares do falecido ao pênis. Lá também, existe um povo cujos homens vestem-se com roupas femininas nos enterros, para que o defunto não os reconheça ao voltar: supõe, eles, que o morto fique com muita raiva daqueles que o levam à cova.

No Canadá, em Quebec, sobrevive a crença de que o defunto enterrado descalço não voltará caminhando na neve.

Na Nigéria o tratamento é cruel, quebram os ossos do cadáver e furam-lhe os olhos, para que na possa nem andar, nem encontrar o caminho de volta.

O medo de que o morto volte para perseguir ou vingar-se dos vivos é uma constante entre todos os povos, em todas as culturas, em todas as épocas. Assim, o medo milenar dos mortos, não poucas vezes na história oral de muitos povos, informa sobre um terror tão grande que leva à morte algumas pessoas. Esses novos mortos seriam almas piores, mais tenazes para encontrar o caminho de volta. Para alguns povos, contra esse tipo de alma. O jeito seria fugir sem olhar para trás, não levando nenhum objeto que os mortos pudessem reconhecer.

É interessante observar, pois, que todos esses usos e costumes são *contra* os mortos.

Os mecanismos de defesa agredem o cadáver ou a alma: o defunto não deve voltar; se insistir é recebido com a violência provocada pelo medo, onde algumas vezes este se transforma em pavor e a única saída é a fuga.

Finalizando a entrevista em Goiabeira, a última pergunta aos entrevistados foi se eles tinham medo da morte. Exceto dona Maria Divina e dona Quitéria, os demais foram unânimes:

- Sim.

Considerações Finais

Este é o nosso primeiro trabalho como pesquisadora. Pesquisadora iniciante, de “primeira viagem”.

E nesta condição, pude constatar, de imediato, que fazer pesquisa no campo da História Cultural é como tentar ler um manuscrito estranho. O historiador tem de lidar com uma multiplicidade de estruturas conceituais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas uma às outras.

Uma querela com a qual volta e meia se defronta diz respeito à fronteira e ao meio termo entre um conceito próximo da experiência e um conceito distante desta. O primeiro, é o um indivíduo, no caso, um informante, poderia por si mesmo empregar sem esforço para definir que ele ver, pensa, imagina, e que ele compreenderia de imediato se fosse aplicado por outros da mesma maneira. Já um conceito distante da experiência é o que os especialistas, como o próprio historiador, emprega para fazer avançar seus objetivos científicos teóricos e práticos.

A limitação aos seus conceitos próximos da experiência deixa o historiador na superfície quanto às coisas imediatas; enquanto que os conceitos à distância deixam-no perdidos em abstrações.

A morte não pode ser experienciada. Portanto, esta não pode fornecer nenhum conceito razoável. Logo, não há, pois, como definir a morte. Mas pode-se compreender o imaginário sobre ela através da sua representação, expressas nos rituais ao longo da história de cada cultura, através da comparação e, desta, inferir.

Entretanto, para poder inferir o que é uma coisa – no caso, a morte –, da representação que outrem faz dela, é necessário dispor de representações complementares. Por exemplo, da forma que outrem representa uma coisa como ele acredita que ela é.

A nossa pesquisa realizada na comunidade de Goiabeira pudemos inferir que o imaginário dos seus habitantes sobre a morte é que esta significa *uma passagem para uma outra vida*. Porém, uma vida melhor, no Céu. Uma vida feliz, sem sofrimento.

Percebe-se, que esse imaginário, reflete uma concepção historicamente construída pela tradição judaico-cristã, considerando-se que a comunidade de Goiabeira caracteriza-se por uma profunda religiosidade cristã.

Por outro lado, acreditamos que a ritualização da morte em Goiabeira, está ligada, mais especificamente, a duas épocas distintas: o século XVIII, na Europa; e o século XIX no Brasil, mais especificamente no Nordeste.

No primeiro, percebe-se uma continuidade e uma permanência, na forma ritual: o morto na sala de casa, cercado pela família, parentes, amigos, velando-o; o defunto no caixão, com flores, orações, sepultamento, missa de Sétimo Dia, luto. O diferencial aqui reside na sessão de terço, prática esta não adotada na Europa até o início do século XIX, segundo Chiavenato.

No segundo, os elementos rituais são os mesmos do século XIX, com semelhante forma na ritualização. O elemento diferenciador reside em que, mesmo havendo comidas e bebidas (cachaça), não há festa no velório em Goiabeira; e também já não se conversa com o defunto.

Contudo, apesar dos rituais em Goiabeira terem o mesmo significado dos demais ao longo da história humana, ou seja, estratégias para evitar o retorno do morto, percebemos que os elementos rituais e a ritualização utilizados na comunidade não constituem apenas permanências ou continuidades dos ritos historicamente construídos, mas constituem, também, reelaboração destes, e construção de novos.

Podemos perceber uma reelaboração do elemento ritual em Goiabeira, a partir do significado que dar-se com a garrafa d'água na sepultura: este, mesmo consistindo na Antiguidade Oriental – e do qual o Ocidente deve a sua herança cultural -, na China, o rito da água tinha como fim, a pureza da alma do morto; em Goiabeira, além da pureza da alma, o rito da água tem como fim, também saciar a sede da alma, o que, por outro lado, constitui também mais uma estratégia de defesa contra o retorno desta.

Do mesmo modo, acreditamos que constitui uma construção de rito, no caso da prática local de colocar erva doce no caixão do bebê, “anjinho”. Como não há na literatura pesquisada nenhuma referencia a esta prática construída que esta seja uma pratica construída lá mesmo. E que o seu significado – hipótese nossa – é de que esta acalenta o choro da alma do “anjinho” pedindo para ser batizado; ou que esta substitua o batismo, evitando-se, assim, que esta venha a chorar, tudo direto para o Céu.

Acreditamos, pois, - mesmo sem nenhuma prova irrefutável -, que os fatores que leva a comunidade de Goiabeira a reelaborar ritos e construir outros, esteja associado à sua luta pela sobrevivência, com grande sofrimento imposto por fatores climáticos, onde se destaca a seca. E aí, reside, talvez, o fato da garrafa d'água para saciar a sede do morto.

Enfim, em linhas gerais, concluímos que o imaginário da morte em Goiabeira é de que esta significa uma “passagem para uma outra vida”. E que esse imaginário é construído a partir de ritos historicamente construídos desde as culturas primitivas, herdando elementos e ritos milenares das grandes civilizações da Antiguidade Oriental, e consolidado a partir dos ritos da tradição judaico-cristã, expressa no cristianismo, predominante no Ocidente.

Concluímos, também, que a explicação para a permanência dessa tradição ritual – como o uso do vestuário preto em sinal de luto – por exemplo, reside no fato dessa comunidade se encontrar num certo grau de isolamento em relação aos principais elementos típicos da urbanização.

E, finalizando, honestamente, devemos dizer que o nosso trabalho apresenta algumas limitações. Acreditamos que valeu a pena. Como consolo, se a história humana consiste numa trajetória do medo da morte esta, no entanto, é inevitável. Portanto, diante da morte somos todos inocentes. Enfim, esperamos ter oferecido uma significativa contribuição para o tema.

Bibliografia

ARIÈS, Philippe. *História da Morte no Ocidente*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.

_____ *O Homem Diante da Morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1982.

BORDIEU, Pierre. *O Poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Anúbis e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Funart, 1983.

CERAM, C. W. *Deuses, Túmulos e Sábios*. São Paulo: Melhoramentos, 1960.

CERTEAU, Michel de. Relatos de Espaço. In: *A Invenção do Cotidiano: 1 – Artes de Fazer*. Rio de Janeiro: Petrópolis. Vozes, 1994.

CHIAVENATO, Júlio José. *A Morte: Uma Abordagem Sócio-cultural*. São Paulo: Moderna, 1998.

DANTAS, João Sebastião. *Pequena História do Município de Cajazeiras*, 1994 (Mimeo).

DURANT, Will. *História das Civilizações Orientais*. São Paulo: Melhoramentos, 1968.

DURKHEIM, Emile. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Col. Os Pensadores).

GORER, Geoffrey N. *O Imaginário do Luto no Ocidente no Século XX*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

GRANET, William B. *Os Sentidos da Morte*. São Paulo: Paulus, 1995.

MHANAASH, Cesário Toledo. *A Cultura Mesopotâmica*. São Paulo: Ibrasa, 1972.

MORIN, Edgar. *O Homem e a Morte*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

MARANHÃO, José Luiz de Souza. *O que é a Morte*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

MELO, José Octávio de A., RODRIGUES, Gonzaga (ORGs.). Paraíba: *Conquista Patrimônio e Povo*. João Pessoa: Grafset, 1993.

NASHIRO, Marcos Lima. *História do Oriente*. Lisboa: Presença, 1987.

RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da Morte*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

VALETIN, Veit. *História das Civilizações*. São Paulo: Martins Fontes, 1968.

ZIEGLER, Jean. *Os Vivos e a Morte*. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PANTELLON, Luís C. de Lima. *Cultura e Tradição no Oriente*. Rio de Janeiro:
Francisco Alves, 1986.

ANEXOS

ENTREVISTAS

(Eryka) – Em sua opinião, o que é a morte?

(Maria Divina) – Eu acredito que é uma passagem para outra vida. Não é nada de sofrimento. Há o sofrimento porque tem muita gente que sofre antes de morrer, mas para mim é como um descanso para acabar com o sofrimento dos pecadores e ter uma nova vida no Céu, cheia de paz, de felicidade, junto ao nosso Senhor Jesus Cristo.

(Geruza) - A morte é algo muito complexo, é a vida após a morte. Então a morte é o desconhecido, para nós é o desconhecido. Nós sabemos que a gente nasce, cresce e a gente tem que morrer... Então é algo muito complexo que agora, para definir o que é a morte, a gente não sabe, é algo inexplicável.

(Inácio) – Eu acho que a morte é o fim de tudo. A gente morre e vai prestar contas com deus. Se for salvo, vai para o Céu; se não for salvo, vai para o inferno.

(Brás) – A morte é o fim de uma vida, muitas vezes de sofrimento. Mas é também um modo de você encontrar a paz.

(Marenilson) – A morte é o fim de tudo. Depois que a pessoa morre, pronto, acabou! Agora a pessoa passa para o reino dos mortos e vai tentar redimir os seus pecados no Purgatório.

(Quitéria) – A morte é o encontro com Jesus. A pessoa morre aqui, nessa vida terrena, mas para se chegar cada vez mais para perto de Deus e ter a vida eterna. A morte é assim a nossa redenção para a nossa salvação.

(Oswaldo) – A morte é o pagamento dos nossos pecados. A gente morre porque peca. E, de acordo com os pecados, a gente pode ter uma vida ou não, depois da morte, porque, aí, se vai para o Céu ou para o inferno. Só uma coisa é certa: aqui na Terra, morreu, enterrou, e ponto, acabou.

(Luís Tota) – A morte é o fim da vida. Eu acho que com a morte, tudo se acaba. Você passa para o outro mundo e pronto, acabou-se! Vai direto p'ra Deus ou p'ro diabo.

(Gerluce) – A morte significa um descanso para o corpo. Até a Bíblia fala: viemos do pó, e ao pó retornaremos.

(Janete) – A morte é ficar sem vida, dormindo o tempo todo sem acordar. Não come, nem bebe, nem brinca e depois é enterrado no cemitério, até ir para o Céu.

(Zefinha de Né) – A morte é um descanso para outra vida melhor do que essa que a gente tem aqui na Terra. Você já tendo cumprido sua jornada aqui na Terra, chegou à hora de morrer. Todos nós temos que morrer como Jesus morreu, e chegando a hora, não tem para onde recorrer: tem que morrer mesmo.

(Francisco Alves) – a morte é uma coisa ruim, porque é uma coisa que o mais hoje, ou amanhã temos que passar por ela. Só que a gente não se prepara para ela, a gente vive e não está pronto nunca para a morte. É a única certeza que eu tenho na vida é a morte, para depois viver no Céu.

(Eryka) – O que é a mortalha? E porque ela tem que ser branca?

(Maria Divina) – A mortalha branca é um símbolo da paz e de luz, minha filha. É para que ao chegar no outro lado, depois da morte, a pessoa não se perca na escuridão. A alma precisa de luz para chegar ao Céu. Pois esta era a cor da roupa que Jesus usava e com que foi enterrado.

(Geruza) – Eu acredito que a mortalha seja um símbolo do cristianismo. Porque eu acho que é somente os cristãos que são enterrados com mortalha. É porque Jesus foi enterrado com um manto branco que hoje, nós cristãos simbolizamos com a mortalha.

(Inácio) – Eu acho que a mortalha é necessário para a salvação da alma da pessoa.

(Braz) – A mortalha é como a reza, ela serve para o morto encontrar a paz, e não ir para o inferno. Por isso ela é branca, é a cor de Jesus.

(Marenilson) – Eu acho que a mortalha é uma roupa para o morto se encontrar com a paz na outra vida. Ela é branca porque significa a paz e a luz.

(Quitéria) – Olhe minha filha, a mortalha é uma roupa muito especial, porque é a roupa com que se vai chegar para o encontro com Jesus no Céu. Por isso, a mortalha branca é uma cor mais apropriada, porque a cor branca é uma cor que significa pureza. Já outra cor como o preto representa tristeza, escuridão; o vermelho representa o pecado. Já a cor branca, não, ela representa luz, pureza, bondade... Assim como deve ser também a cor do forro do caixão, né!

(Francisco Alves) – A mortalha tem de ser branca porque tudo no Céu é branco, tudo é luz. É por isso que o defunto tem de ir de mortalha, porque como ele vai para o Céu tem de ir de branco.

(Luís Tota) – Eu acho que a mortalha é uma roupa importante para o defunto. É branca porque é mais apropriada, né!

(Gerluce) – A mortalha é um símbolo cristão. Por isso não pode ser de outra cor, somente branca. É o Santo Sudário que ela simboliza.

(Janete) – É uma roupa bonita. Branco é bonito. É para o... o morto que morrer ficar bonito e não ir nu para o Céu.

(Zefinha de Né) – A mortalha é uma recomendação da alma para Jesus. É uma roupa sagrada porque significa a paz que a alma deseja no Céu com o Nosso Senhor Jesus. Por isso ela tem de ser branca... ela é luz.

(Oswaldo) – A mortalha é para o morto ir para o Céu. É uma roupa própria para quem morre. Assim, é preciso que ele vá para outra vida com uma roupa que representa essa nova vida no Céu.

(Eryka) – Qual é a utilidade do caixão e porque se usa a cor azul para crianças e branco para os recém nascidos, “anjinhos”?

(Maria Divina) – O caixão é para proteger a pessoa que morre. Não se deve enterrar a pessoa em chão puro, porque se não a alma não sobe para o Céu. O caixão é azul para crianças porque elas são inocentes; azul é a cor do Céu. Já o caixãozinho branco é porque são anjinhos, os anjos não são brancos?!

(Geruza) – É uma forma de acomodar o defunto na terra. É uma proteção para o morto e para não contaminar o solo. Hoje já não se enterra mais o defunto em redes, porque as vezes quando é necessário (quando a família não pode) a prefeitura fornece o caixão. Para as crianças é azul porque é uma cor simbólica da pureza, inocência, e também do Céu. E o branco é para os recém nascidos porque já são anjos. É algo simbólico.

(Inácio) – Não sei. Só sei que o caixãozinho branco é porque são anjinhos, pois ainda não pecaram.

(Braz) – Eu acho que o caixão serve para a terra não comer a carne muito rápido. E também porque não dá para enterrar a pessoa nua, né! O azul porque é melhor para crianças e branco é para os anjinhos, porque são anjos brancos.

(Marenilson) – Não sei dizer, não.

(Quitéria) – O fundo da terra é muito fria, minha filha! Por isso, tem que usar caixão para não maltratar o corpo do morto. Um caixão para crianças é azul, elas são inocentes, não pode ser igual o do adulto crescido porque já é pecador, é preciso muita reza para a salvação da alma. O bebê já é anjinho por isso o seu caixão é branco, pois não presta outra cor, não!

(Francisco Alves) – O caixão é como uma casa para o defunto. É preciso o caixão. Antigamente era só a rede, mas hoje é o caixão. É melhor. Eu não sei por que é azul para crianças, mas sempre foi dessa cor desde que eu me entendo por gente. Já o branco é para os anjinhos. Antes era só enrolado num paninho branco, mas hoje tem caixão pequeno para eles. É bom que seja assim, né!

(Luís Tota) – O caixão, eu acho que uma forma de respeitar o defunto, para não ser enterrado de carne no chão. Protege o corpo, sabe! É muito bom ter o caixão, o morto fica protegido. Eu acho que o azul para crianças é para diferenciar do adulto e do anjinho que é branco. As crianças não são pecadoras e por isso a alma vai direto para o Céu.

(Gerluce) – Eu não sei dizer direito, não, sabe? Mas acredito que é para o morto se sentir mais protegido, mais seguro para a outra vida. O caixão azul é só para crianças. Já o caixão do adulto pode ser de outra cor, da cor de madeira porque já são pecadores, e aí não é o caso das crianças que não são, e nem dos anjinhos que são brancos.

(Janete) – Não sei, não. É porque é bonito azul e todo branco.

(Oswaldo) – Eu quando faço um caixão eu penso nele, sabe?! Mas eu acredito que o caixão é para o defunto ficar seguro da frieza da terra. Eu acho que é azul porque fica mais bonito para criança que é inocente. O branquinho para o anjinho é mais interessante, porque já são anjinhos, sabe?! Eles já vão para o Céu por isso são anjos.

(Zefinha de Né) – É um conforto para o morto. O caixão alivia o sofrimento da alma, pois o corpo vai virar pó, mas só no momento certo, determinado por Deus. O caixão é um alento para a alma e por isso o forro tem de ser branco porque é preciso paz para a alma. O caixão de criança tem de ser azul, sabe! É a cor do Céu, é a cor de criança, azul. O anjinho tem de ser enterrado todo branquinho, pois vai virar nu vem no Céu. O seu caixãozinho tem de ser outra cor não, tem de ser branco, igual as nuvens.

(Eryka) – Porque se serve comidas e bebidas durante o velório?

(Maria Divina) – A comida e a bebida é como se fosse para o defunto. É como se fosse à última refeição dele. E assim com todos comendo e bebendo estão realizando o desejo do defunto, é como uma oferenda, sabe?! É preciso ter comida e bebida para isso, para satisfazer a vontade do defunto. E também para ter uma alegria, porque a tristeza é ruim para a alma do falecido. É preciso também uma alegria para a alma. Já de criança não precisa de nada disso, pois a bebida ofende a criança.

(Geruza) – Na verdade, independente da religião, todo velório tem isso, comida e bebida. É para que o povo se solidarize com a família do falecido, pois é um momento de muita comoção. A comida e a bebida só não serve para o velório de criança porque elas são muito puras, a solidariedade vem das crianças no velório.

(Inácio) – Olha se num velório não tiver comida e muita cachaça, não presta, não. Não vai ter ninguém para beber o morto. E aí, como é que vai ser?

(Braz) – É porque em todo velório sempre vai muita gente, os amigos, os parentes que vem de fora, vizinhos, e outras pessoas que às vezes a gente nem conhece. Mas aí, é preciso receber bem as pessoas que vem para o velório, se não é uma desfeita para a família e para o defunto. Porque todo mundo quer um velório normal... alegre, que as visitas sejam bem vindas e bem atendidas, afinal, é um momento de despedida, né?!

(Marenilson) – Olha, eu nunca ouvi falar de velório sem comida e cachaça, não! Nem que seja só café e cachaça, mas tem que ter. o sentido eu não sei dizer, mas eu acho que é para “segurar” as pessoas, sabe! Se não, não fica ninguém. O povo não vai ficar o tempo todo com fome, ou sem nada pra beber, vai? Pois é, não vai não!

(Quitéria) – A comida é uma oferenda ao morto. É bom para ele, para a alma do morto, que as pessoas comam e bebam, pois aí se revela o amor, a amizade, que se tem pela pessoa que morreu. E isso leva a alma no seu caminho a Jesus. E mesmo porque, quem morre não quer tristeza, quer é alegria. Só o velório de criança não deve ter comida e bebida, não pé bom para a alma dela, pois não precisa beber a sua saúde porque se não

atrapalha o caminho de luz que a criança já tem para o Céu. Em velório de criança só deve ter café e doce e chá.

(Francisco Alves) – Tem que ter comida e cachaça no velório. Se não, como é que fica o morto? Sozinho? Não, tem que ter muita comida e cachaça até o defunto ser enterrado, porque se não é uma desfeita da família com o povo que vai velar o defunto. Não, no de criança não deve ter bebida, não! Criança não bebe, então pra que bebida? É só café, e bolo.

(Luís Tota) – É necessário ter comida e bebida no velório. Primeiro, porque todo velório demora muito tempo e se não tiver comida o povo não fica até o final. É preciso muita comida e cachaça para beber o morto.

(Gerluce) – Eu não penso que a comida e a bebida é a forma de reconhecer a boa pessoa do morto. Vai servir para ajudá-lo na sua passagem para a outra vida, porque alimenta a alma. As crianças não precisam disso, pois já tem lugar no Céu, junto a Jesus. Não há necessidade de mais nada. Só os adultos que precisam de ajuda a sua alma.

(Janete) – É para ficar bêbado. Todo mundo fica bêbado e chora.

(Oswaldo) – Sei não! Mas todo velório tem comida e cachaça. Eu mesmo bebo o morto toda vez. O povo diz que é uma ajuda para o defunto na outra vida. Já no de criança, realmente, eu vi cachaça, não. Eu acho que é porque criança não bebe, né?! Mas tem que ter pelo menos o café, porque se não o velório fica estranho, muito esquisito, num é mesmo?!

(Zefinha de Né) – É uma grande honra para o falecido ter comida e bebida no seu velório. As pessoas têm que está satisfeita. A alma do falecido se alegra e não fica zanzando no além. É bom para a alma se libertar, pois a comida é alimento, é vida para o espírito. As crianças não têm comida nem bebida no velório, elas já são filhas de Deus sem o purgatório. De nada vai adiantar a comida e a bebida para elas. Elas não precisam, já estão salvas nos braços do nosso senhor Jesus Cristo.

(Eryka) – Porque se coloca folhas de eucalipto, alecrim, erva-cidreira e erva-doce nos caixões?

(Maria Divina) – É preciso que nós cheguemos ao Céu com a nossa alma livre de maus espíritos. Uma alma pura, para que não sofremos no purgatório. Assim, o cheiro da folha de eucalipto e alecrim afasta os espíritos ruins para fora da nossa alma. Ajuda também na alma da criança que é inocente mais como é filhos de pecador tem que botar erva-cidreira que é para deixar a sua alma livre para o encontro com Jesus. E também erva-doce para os anjinhos ficarem mais feliz.

(Geruza) – É uma tradição o uso das folhas para ajudar a alma no purgatório, principalmente, para o adulto. Já as crianças é porque são filhos do pecado. Os anjinhos a erva-doce é para perfumar.

(Inácio) – Dizem que essas folhas que serve de remédio serve também para o defunto, para a alma dele ser salva. Já para as crianças e os anjinhos eu não sei para que serve, não!

(Braz) – É para salvar a alma do defunto. Ajudar a alma a encontrar a paz, sabe?! É muito bom. Inclusive para as crianças é uma garantia de ir p'ro Céu. Já os anjinhos essa erva-doce eu não sei dizer. É as mulheres que botam. Eu não sei p'ra quê! Mas é o costume.

(Marenilson) – Sei dizer, não! Mas dizem que ajudam a alma dos mortos.

(Quitéria) – Essas folhas ajudam a purificar o nosso espírito. Pois do mesmo jeito que elas (as folhas) purificam o nosso sangue. Quando a pessoa está viva, toma o chá da folha de eucalipto e alecrim para depurar e afinar o sangue que está muito grosso de impurezas; quando a pessoa morre, então essas folhas vão purificar a alma, tanto dos adultos como das crianças inocentes, mas que nesse mundo. Agora, para os anjinhos é o costume que sempre houve.

(Francisco Alves) – Ah! Essas folhas são milagrosas. É bom para o sangue e para a alma. É muito boa, livra a alma para a salvação do homem, da criança, de todo mundo.

(Luís Tota) – Sem essas folhas não pode se enterrar ninguém, pois isso é o mesmo que ir para o inferno, penar. É p'ra evitar isso, minha filha, para salvar a alma de todos nós que elas servem: ajudar a nossa alma a se salvar, todo mundo, sabe?!

(Gerluce) – Desde que era menina que eu ouvia dizer que não se enterra o defunto sem as folhas de eucalipto e alecrim. E erva-cidreira para as crianças e erva-doce para os anjinhos. É para a salvação, a libertação da alma, sabe?! Até mesmo das crianças que não pecam e dos anjinhos que a alma já é pura, já ta no Céu. Sem as folhas a alma fica zanzando pelo purgatório, a procura da sua libertação, da sua luz.

(Janete) – É para deixar quem morre muito cheiroso, para ir para o Céu.

(Oswaldo) – Não sei, mas falam que é para ajudar os mortos. Dizem que é bom para a alma. Mas eu só sei que é bom para afinar o sangue. Mas eu acredito que é bom para ajudar quem morre, pois ruim não deve ser, não, né?!

(Eryka) – Porque as cruzes são de diferentes tamanhos, modelos e cores?

(Maria Divina) – Olhe minha filha, a cruz é que há de mais sagrado na vida da pessoa. Ela representa o sacrifício de Nosso Senhor Jesus Cristo que morreu na cruz para nos salvar. Então quando uma pessoa morre, é preciso colocar uma cruz, seja quem for, para dizer que era um cristão, sabe?! Se for um adulto, então é pecador, é preciso uma cruz de cor cinza para indicar que precisa de rezas para a sua alma. Por isso a sua cruz tem de ter pontas que é para lembrar o pecado do povo e, assim, afastar os demônios que fica atuzigando a alma para não deixar ir para o Céu. A cruz da criança tem que ser azul porque elas não são pecadoras, não precisam de rezas. É como a do anjinho que nem precisa de cruz, mas a gente bota para saber onde foi enterrado. É uma cruzinha bem pequena, bonitinha, só p'ra lembrar dele.

(Geruza) – Toda cova necessita de cruz. Primeiro, porque identifica o falecido para as pessoas, famílias, amigos, parentes. Segundo, porque é o símbolo do cristianismo; ali morreu um cristão que precisa de rezas, orações, para a salvação da sua alma. A cruz cinza indica isso e com pontas mais ainda, pois lembra o sacrifício de Cristo na cruz. É diferente da cruz de uma criança, que é azul. Pela sua própria inocência, uma criança está salva. Mas viveu num mundo onde o pecado predomina, por isso deve ser colocado uma cruz azul, para diferenciar dos adultos pecadores e dos anjinhos.

(Inácio) – Eu não sei direito, não! Mas é para ajudar, a saber, se foi gente grande, gente pequena, ou anjinho que morreu. A cruz representa a morte de Jesus, né! Tem de ter uma na cova.

(Braz) – A cruz é importante. Sem ela não se sabe nem se foi gente que foi enterrada. E depois como é que a gente ia saber onde a pessoa foi enterrada, como ia saber quem era a pessoa. É por isso que bota uma cruz grande e cinza para a pessoa adulta, uma menor azul para uma criança, e uma pequenininha para os anjinhos.

(Marenilson) – Não sei dizer, não! Mas eu acho que é para identificar as pessoas de acordo com a idade.

(Quitéria) – A cruz, minha filha é o sinal de Cristo. Ela deve acompanhar a gente até depois da morte, porque ela representa Jesus. A nossa alma para ser salva depende das nossas orações, nossos pedidos p’ra nosso Jesus nos salvar, perdoar os nossos pecados. É por isso que a cruz da pessoa adulta é escura, pois é o pecado e as pontas são para matar esses pecados que fizemos na vida; é para afastar os males da nossa alma. Só quem não precisa de cruz assim são as crianças e os anjinhos.

(Francisco Alves) – Quando eu era novinho, menino, ouvia dizer que sem a cruz na cova a nossa alma ia p’ro inferno porque não era cristão. Só não as crianças porque não pecam e nem os anjinhos que já são anjos. Mas as pessoas grandes, essas precisam de muita reza para a alma, e por isso a sua cruz tem de ser escura e com as pontas para lembrar dos pecados que fez. Se não, não será perdoado por Deus.

(Luís Tota) – A cruz escura, cinza, é para dizer que a pessoa é pecador e precisa de muita reza para salvar a alma e ir p’ro Céu. As pontas na cruz já diz isso. É pecador!

(Gerluce) – Olha, a cruz é o símbolo do Nosso Senhor Jesus Cristo. Ele morreu na cruz para nos salvar. Quando ele estava pregado na cruz, muitas lanças foram jogadas no seu corpo. As lanças dos soldados, sabe?! Então a gente coloca também essas pontas na cruz porque, como pecadores, precisamos está atentos com a nossa fé em Cristo e afastar satanás de perto da nossa alma. Agora, criança como não peca, então não precisa de cruz escura, tem que ser azul como a dos anjinhos, pois já estão salvas.

(Janete) – É para a gente saber onde estar e se salvar.

(Oswaldo) – É porque a gente peca que a nossa cruz tem que ter uma cor escura. Uma cor do pecado, sabe?! É preciso lembrar sempre que Jesus Cristo morreu por nós, é por isso que a cruz tem pontas.

(Zefinha de Né) – Sem a cruz não somos filhos de Deus, né?! Tem de ter a cruz na cova; tem de ter a cor preta para lembrar do pecado e rezar para a alma; tem de ter pontas para lembrar do sacrificio de Nosso Senhor na cruz para nos salvar, para a nossa alma ir pra ele. As crianças têm uma cruz azul da cor do Céu, porque elas já são filhas

de Deus, já foram recebidas com o Espírito Santo de Jesus, assim como os anjinhos que são as nuvens.

(Eryka) – Porque a cruz fora do cemitério é preta com pontas e se coloca ramos de folhas nela?

(Maria Divina) – O cemitério é um lugar santo. A pessoa que não está lá é porque não mora aqui. Só quando a pessoa morre fora de casa, a pessoa daqui, sabe! É que a gente bota uma cruz no local, mas é difícil, nem sempre se bota a cruz. Agora para gente de fora é preciso botar a cruz porque ela não está no cemitério, precisa então de muita reza e oração. A gente não bota flor e sim um ramo de folha para alimentar a sua alma. Quanto mais ramos mais orações foram feitas. Se tiver pouco ramo é preciso rezar mais e alimentar a alma p'ra ir p'ro Céu!

(Geruza) – As pessoas que não são da comunidade, aqui do sítio, a gente não conhece, por isso precisam de muitas orações para a salvação da sua alma. Até mesmo, para não faltar a oração que deveria ser da família. Assim, quando a gente passa por uma cruz no caminho, a gente faz uma prece para aquela alma e coloca um ramo de mato. Pela quantidade de ramo a gente sabe se precisa cada vez mais de orações. Os ramos são como se fosse um alimento para a alma do morto, é porque a folha significa vida, que dá alimento, né?! Isso é feito para seja quem for; gente de fora, desconhecido, ou por gente d'aqui, morto em acidente ou de qualquer outra coisa.

(Inácio) – A cruz fora do cemitério é para indicar que a pessoa não é daqui. Quando não se sabe quem é a pessoa direito, né!? A gente faz o sinal da cruz quando passa por ela, reza e coloca um ramo de folha na cruz. É pra ajudar o defunto que tá ali, sabe?!

(Braz) – É de costume muito antigo botar a folha na cruz que é fora do cemitério. A gente reza e bota folha nela quando passa lá. Ajuda a alma e também evitar da alma aparecer pedindo reza. As folhas ajudam nisso.

(Marenilson) – O povo diz que é preciso fazer o sinal da cruz e botar ramos de folha na cruz, para a alma do defunto. É para ajudar na salvação dela.

(Quitéria) – É muito triste p'ra pessoa ter a cruz do lado de fora do cemitério. É um lugar santo, sabe?! E a alma sofre muito. Aí, a gente bota uma cruz preta com pontas que é para pedir oração para quem passar ali; a pessoa deve rezar muito e fazer oração

pedindo p'ra Nosso Senhor salvar a alma dele, e depois a gente tem de botar uma folha, um ramo, para alimentar a alma para a outra vida, se não ela vem pedir oração.

(Francisco Alves) – É um costume muito bom. A gente nunca sabe o dia de amanhã, não sabe se vai morrer aqui ou ali. Assim, quando se morre fora do local que deve morrer as pessoas vão rezar orações p'ra nossa alma. É assim que a gente faz quando morre fora de onde tinha que morrer; reza p'ra o defunto que a alma não sofra e vem pedir reza, sabe?!

(Luís Tota) – É p'ra alma do morto não sofrer no purgatório e vim pedir reza. Bota uma cruz preta porque assim todo mundo lembra de rezar e botar as folhas p'ra ele. Porque se não pode contar com as rezas dos parentes, ali, então é dever de todo mundo rezar para a alma daquele morto, sabe?!

(Gerluce) – Esse tipo de cruz é uma forma de dizer que a pessoa necessita de muita oração para sua alma, pois o finado está fora do cemitério. Nesse caso a alma pena muito, padece de muito sofrimento, na escuridão do além, no purgatório. Então a cruz tem de ser preta, com pontas, que isso é um pedido de oração p'ra alma. E assim todo mundo cumpre o seu dever: faz o sinal da cruz, reza e bota umas folhas para a alma do morto. A folha é alimento p'ra alma, sabe?! P'ra não voltar carente de reza.

(Janete) – É para botar folha para o morto. É para a alma dele comer.

(Oswaldo) – É quando a pessoa não é daqui. É preciso fazer o sinal da cruz, rezar e botar um ramo para a alma d defunto.

(Zefinha de Né) – A pessoa que não tá no cemitério sofre muito a sua alma. Porque o cemitério é sagrado, sabe?! É o local que Jesus deixou pra ressuscitar nós. Assim se uma pessoa não tá lá é mais difícil de se salvar. Por isso, é que precisa de muita oração, de todo mundo. Daí, a cruz ser preta e de pontas, que para ninguém esquecer de rezar e botar um ramo, que é um pedido de salvação da alma. A folha alimenta o espírito do morto e dá alimento para sua estada no purgatório.

(Eryka) – Porque se visita o defunto em sete dias? Qual é o significado dessa visita (sete dias)?

(Maria Divina) – A visita de sete dias é para a gente fortalecer o espírito da pessoa que morreu, é para purificar a alma dela e a nossa. Lembrar a alma do morto que a gente não esquece dele nunca.

(Geruza) – Segundo a bíblia a visita de Sete Dias, é para purificar a nossa alma e ajudar nos pedidos de oração pela alma do falecido. Por isso, se acende velas, reza, e bota flores na cova. É uma forma também, de lembrar da pessoa que morreu, para ficar na nossa lembrança.

(Inácio) – É preciso visitar em sete dias que é o que Jesus manda. É p'ra lembrar do morto e rezar e acender vela p'ra alma dele.

(Braz) – Serve para apurar a alma do morto deixando ela limpa, purificada.

(Marenilson) – É para um momento de oração, muita oração, para a purificação da alma do falecido, que precisa ser lembrado e enaltecido para seguir em paz num caminho de luz para a outra vida do lado de Jesus.

(Francisco Alves) – A visita de sete dias é um momento de reafirmar as nossas preces para a alma do morto. É o momento de purificação da alma para poder entrar no Céu.

(Luís Tota) – É para lembrar o morto e fazer mais oração pela alma dele. Essa visita tá até na bíblia, sabe?! É Jesus que diz que tem que visitar quem morre em sete dias, porque se não, a alma não se purifica dos pecados.

(Gerluce) – A visita de Sete Dias, ela é importante não só p'ra gente, mas também para a alma do falecido. É porque p'ra gente é importante lembrar da pessoa, p'ra gente não esquecer ela. Do mesmo jeito, a pessoa que morreu tá vendo, lá do Céu, que a gente não esqueceu dela, não!

(Janete) – É para botar flor e acender vela, e rezar e chorar.

(Oswaldo) – Depois que a pessoa é enterrada, a visita de sete dias é obrigatória, pois é a primeira vez que vai ao cemitério depois do enterro. Então isso é preciso, porque tem que rezar mais e acender mais velas para a alma da pessoa.

(Zefinha de Né) – A visita de sete dias é um mandado de Jesus. Ele diz na bíblia que é para visitar o falecido em sete dias, que é para purificar a alma dele e a nossa também que continua pecando.

(Eryka) – Porque se coloca uma jarra com água na sepultura e depois cultivam-se flores ao redor desta?

(Maria Divina) – A água minha filha, é um símbolo de pureza e de vida. É preciso ela para purificar a nossa alma e dá vida na nossa passagem para junto do Nosso Senhor Jesus. Sem a água a alma sofrer a sede no purgatório. E não encontra a paz. É preciso água para o falecido não ter sede e ter uma vida farta na outra vida, num jardim bonito e florido como deve ser o Céu. As flores é p'ra isso que se planta; é para a alma receber e ficar feliz no paraíso.

(Geruza) – A água é um símbolo da vida. Sem ela nada existe. Então se coloca a garrafa com água na sepultura para a alma não ter sede de vida e penar no purgatório. A água e as flores são o significado de uma nova vida, farta e feliz.

(Inácio) – É p'ra alma não ter sede. E as flores é p'ra ficar mais bonito a cova.

(Braz) - A água é muito importante para a alma não ter sede. Assim, se botar a água. Do mesmo jeito, se planta umas flores que é p'ra ficar a alma num ambiente mais adequado, mais bonito, sabe?!

(Marenilson) – É para o defunto não sofrer de sede. E ajuda também a salvar a alma, porque a água limpa a alma no purgatório. E as flores também. É o que o povo diz.

(Quitéria) – A água é uma necessidade para quem morre. É preciso que a alma no purgatório tenha um meio de se limpar. A água lava a alma e também mata a sede quando a pessoa ta pagando a sua penitência; a água lava a alma para poder entrar no Céu limpa, pois suja ela não entra, e aí, vai para o inferno. As flores a gente deve plantar para que, assim, a alma vá para o paraíso.

(Francisco Alves) – Minha filha, não há nada pior na vida do que a sede, sabe?! Só quem passa por isso é que sabe! Não é justo que a alma da pessoa sofra a falta d'água além do que já sofreu aqui, nessa vida. Não! Ela merece uma vida melhor. Por isso tem de botar água e flor na cova. É pra ter outra vida nova, vida boa, sabe?!

(Luís Tota) – É preciso botar água, a garrafa d'água, sabe?! Porque a alma não deve de passar sede, não. Tem que ter água para a alma. E flor também para enfeitar a morada do finado. P'ra ter uma vida melhor do que a d'aqui.

(Gerluce) – A água é uma necessidade para a pureza da alma. Só ela pode limpar das impurezas que o pecado bota na nossa alma. Ela também não deve de padecer de sede no purgatório. Lá é muito quente, tem de ter água para matar a sede até pagar a sua penitência. As flores são pra botar beleza na outra vida, no Céu, se não plantar flor, não se tem o paraíso na outra vida. Pois quem já se viu um paraíso sem flor?! Tem de ter água e flor na cova pra alma.

(Janete) – A água é para aguar as flores para ficar mais bonitas.

(Oswaldo) – Segundo o povo diz, a água é pra matar a sede e purificar a alma do morto. Agora, as flores, eu acredito que é para enfeitar a cova, só isso!

(Zefinha de Né) – A água, minha filha, é tudo na vida. Sem água não existe nada. Tudo é seco. É por isso que tem que botar água na cova, por que se não a alma não encontra a vida no Céu; a água tem de purificar a alma no purgatório. Por isso não pode passar sede, não. Porque passar sede ela não purifica para entrar no Céu. Tem de ter água para a sede do defunto falecido. E flores também, têm de plantar para ele ter um paraíso na vida do Céu.

(Eryka) – Qual é a importância da sessão de terço e porque este não pode ser rezado pela família?

(Maria Divina) – O terço é o meio da gente ajudar na salvação da alma do morto. Ele tem que ser rezado muito no primeiro mês porque é o tempo que a alma está indo para o purgatório. É preciso muita oração, muito pedido para ela ter paz. As pessoas amigas que “puxam” o terço porque é mais um auxílio nas preces, nas orações da família. Porque a família já faz as orações de pedidos todo dia. Assim, ela não deve de “puxar” o terço, porque é preciso as orações das outras pessoas também para ajudar a alma a encontrar a sua luz e paz.

(Geruza) – Rezar o terço em três sessões por semana é somente no primeiro mês da morte. É muito bom para o falecido contar com as orações pela sua alma, principalmente de outras pessoas além da família. Não é que a família não pode “puxar” o terço, mas é mais importante para a alma que seja outras pessoas, pois é uma ajuda a mais às orações da família.

(Inácio) – É muito importante, porque no mês da morte da pessoa ela precisa de muita oração. É por isso que as outras pessoas é que “puxam” o terço. É pra ajudar a alma.

(Braz) – Ah! O terço é importante demais. Sem rezar o terço pra Nossa Senhora a alma não se salva. Tem de rezar. E tem de ser “puxado” pelas pessoas de fora, uma vizinha, um amigo e até mesmo um parente; só não pode é ser “puxado” pela família porque se não, não serve. Tem de ser de fora que é para reforçar os pedidos para a salvação da alma, sabe?!

(Marenilson) – A reza do terço é para salvar a alma do defunto. As pessoas amigas “puxam” o terço para ajudar. Por solidariedade, sabe?!

(Quitéria) – Ah! Minha filha, sem o terço pra Nossa Senhora Mãe de Deus a alma não pode ser salva, não. É preciso que mostremo a nossa fé pedindo pra ela no mês da morte da pessoa que nós temos fé nela para salvar a alma. A alma precisa de nossa ajuda para encontrar a paz na outra vida. É por isso que tem de ser as pessoas de fora que devem “puxar” o terço. É pra reforçar a ajuda, o pecado de salvação da alma.

(Francisco Alves) – Rezar o terço é p'ra pedir pela alma do falecido. É bom porque todo mundo quando morre carece das pessoas ajudar a alma de ir p'ro Céu. As pessoas de fora “puxam” o terço pois é uma penitência para a ajudar o falecido a chegar em paz junto de Jesus Cristo, sabe?!

(Luís Tota) – Tem de rezar o terço. Tem de ser “puxado” pelos outros porque se for “puxado” pela família não tem muita serventia, não, se não a alma não se salva; fica no purgatório.

(Gerluce) – O terço é a redenção da pureza da alma. Nossa Senhora ouve a nossa prece através do terço. Só com o terço “puxado” pelas pessoas de fora da família a alma conserve a sua redenção em Cristo.

(Janete) – É para o povo rezar com o colar de bolinhas.

(Oswaldo) – É importante porque é uma recomendação da alma para Nossa Senhora Mãe de Deus. É as pessoas amigas que “puxa” o terço para ajudar a família do falecido.

(Zefinha de Né) – O terço é rezado por pessoas amigas. Os parentes, rezando. Eu acho que o terço é “puxado” por pessoa de fora da família, é porque isso ajuda a reforçar a prece. É uma ajuda para reforçar as preces da família. É uma solidariedade, porque para a alma descansar com paz, é preciso de muita oração, de pedidos p'ra Nossa Senhora, é por isso que tem de ter pelo menos três vez por semana. Porque é no primeiro mês que a pessoa morre é que ela vai para o purgatório para pagar a sua penitência. Assim, as nossas rezas, nossas preces vão ajudar a alma a superar esse momento de dificuldade, porque o terço é a recomendação da alma do falecido para que descanse em paz.

(Eryka) – O que é o luto? Porque o luto é representado pela roupa ou fita preta?

(Maria Divina) – O luto é o sentimento que a gente tem pelo ente querido que se foi. No meu tempo de nova, bem novinha, ainda menina, o povo até botava luto para amigo da família. Mas de lá p'ra cá, só se bota luto para as pessoas da família. E na época, as mulheres usava até o lenço preto na cabeça durante dois anos. E é preciso mesmo ser de muito tempo porque a morte de uma pessoa é muito triste, é uma dor muito grande. Agente tem de mostrar essa dor, esse sentimento. E tem de ser vestindo roupa preta porque o preto é a cor da tristeza, da dor. Ele tem de ser destacado das outras cor.

(Geruza) – O luto é uma forma de demonstrar o sentimento, a dor da perda por uma pessoa falecida. A roupa preta simboliza esse sentimento por ser uma cor tradicionalmente relacionada a tristeza, a melancolia, em fim, aos sentimentos dolorosos, tristes. Hoje, nem todo mundo usa a roupa por inteira, só os mais velhos; os mais novos botam apenas uma fita preta no bolso. Já as crianças não deve botar a roupa preta, porque elas são inocentes e símbolo de alegria, enquanto que o luto é símbolo de tristeza.

(Inácio) – O luto é a tristeza pela morte. É o sentimento da família pela morte de alguém da família. Aí, tem de vestir ou botar a fita preta que é para mostrar que morreu gente da família.

(Braz) – Olha, o luto é muito importante, porque mostra o sentimento que as pessoas tem pelos outros, seja da família, seja de alguém próximo. É um sentimento de tristeza, de dor, sabe?! É por isso que se usa a roupa preta. Os mais novos tão usando só a fita no bolso, mas isso é os tempos de hoje. Antigamente, ah! Não! Tinha que usar era a roupa toda mesmo, porque é para respeitar o morto. Só as crianças que não usa porque não precisa, mas os outro tem de usar, pois é o que Jesus manda, todo mundo é cristão, né!

(Marenilson) – É p'ra mostrar o sentimento da família. Não pode fazer quase nada porque está de luto. A gente vê logo, pela roupa preta, e só criança não usa.

(Quitéria) – O luto é a dor da família, minha filha. Sem ele o sentimento não é o mesmo, porque a pessoa sem o luto, ela ta livre p'ra tudo, p'ra ir festa, p'ra casar, p'ra

tudo mais. Então a roupa preta que é o luto evita essa falta de respeito com quem morre, pois é preciso respeitar a alma da pessoa, respeitar a dignidade do falecido. É por isso que veste a roupa preta, porque é uma roupa que representa a tristeza, a dor da perda. Não, criança não deve usar luto porque a criança é só alegria e ela não entende que o luto é só tristeza. É por isso que não deve de usar luto, só os adultos, porque pode cumprir os sentimentos, sabe?!

(Francisco Alves) – O luto é um sentimento profundo que se tem do amor à pessoa, do nosso ente querido. É também uma forma de demonstrar o respeito a pessoa que morreu. É uma forma de a gente mostrar que não esquecemos dela. E ela pode ver, lá do Céu. A roupa preta é a forma que se tem para distinguir quem está de sentimento, de quem não está. Porque nesse caso, vai ser usado todo dia durante um ou dois anos, dependendo do caso, sabe?!; se for uma viúva, ela não vai poder ter nada com outro home, nem vai festa, nem nada; vai ficar triste, porque se não, ela não está de luto. O luto é tristeza, é sentimento.

(Luís Tota) É a maneira de mostrar o sentimento pela pessoa que morreu. De dizer que não se esqueceu ela. É para dizer a família sofre com a perda da pessoa. Então o luto preto significa todo esse sentimento, essa dor. Agora, criança não usa, não.

(Gerluce) – O luto é p'ra mostrar o sofrimento da família. A roupa preta significa que aquela família está de sentimento. As crianças não usavam porque elas não entendem direito a necessidade de cumprir tudo o que o luto deve ter: tristeza e respeito pela pessoa que morreu. É por isso que o luto é preto, pois é sentimento.

(Janete) – É para vestir roupa preta e botar fita preta no vestido e no bolso, para ficar triste e chorar.

(Oswaldo) – O luto é para mostrar o sentimento da família, né!

(Zefinha de Né) – Minha filha, o luto é o sentimento da família pela pessoa falecida. É uma maneira de não esquecer ela, sabe?! A morte de uma pessoa provoca uma dor muito grande, e que a gente nunca esquece. O luto é para significar essa dor, a perda do ente querido. Tem de vestir a roupa preta por dois ano como sinal do sentimento. A

roupa do luto é preta porque essa cor é a cor da escuridão, das trevas, e a escuridão é tristeza. É por isso que os menino e as menina, as crianças, sabe! Não deve usar. É porque elas são de alegria e o luto é de tristeza é por isso, sabe?!

(Eryka) – Você acredita em alma? Tem medo dela?

(Maria Divina) – Eu acredito sim, minha filha! Deus me livre de não acreditar! Cruz credo! Todo ser humano é filho de Cristo, todo mundo é cristão, como é que não vai ter alma? Claro que tem. Hoje, eu já não tenho tanto medo, não. Mas quando eu era nova, eu tinha muito medo, porque quando eu era menina, já mocinha, eu vi a alma da minha mãe, assim que ela faleceu, sabe?! Mas agora, eu não tenho muito medo, não. Só tenho medo de demônio.

(Geruza) – Acredito. Não tenho a menor duvida que a alma existe. Só quem não é cristão que não pode acreditar. Mas todos tem alma. Eu tenho medo de alma, porque é algo que vem desconhecido, do outro mundo; o mundo dos mortos. Eu tenho muito medo do desconhecido.

(Inácio) – E quem não acredita?! Só doido não acredita! Se todo mundo tem alma, como é que ela não deve de existir. Eu tenho medo, muito medo. Por isso eu não passo em cemitério de noite, nem que me pague! E só ando com o dente de alho roxo no bolso até dois mês depois que a pessoa morre.

(Braz) – Existe. Existe, sim. Eu acredito hoje, eu não tenho mais tanto medo porque eu já acostumei com ela, sabe?! Eu já vi muitas lá no cemitério, já vi aqui dentro de casa, a do meu pai, quando fez sete dias da morte dele, me lembro como se fosse hoje! Mas já não tenho mais tanto medo, não. Já nem tô usando tanto alho roxo, sabe?!

(Marenilson) – Eu acredito. Nunca vi uma, não. Mas eu tenho muito medo de vê. A gente aqui se previne com o alho roxo, sabe?! Se tiver o alho ela não aparece, não!

(Quitéria) – Eu acredito, pois todo mundo tem alma. Todo mundo num é filho de Deus, né! Como é que uma pessoa é humana e não tem alma? E eu não tenho medo, não. Antes eu tinha, mas desde que a alma do meu filho me apareceu três vezes, para me pedir a benção, a partir dali, eu não tive mais medo, não.

(Francisco Alves) – Acredito. Como não deve de acreditar!? Todo mundo tem alma, se não, não é gente, não é cristão. Eu tenho medo, desde primeira vez que a alma do meu

primo Nonato. Me arripiei todo, como agora, ta vendo?! Mas na época eu era novo e não usava o alho roxo, não. Mas desde esse dia eu uso, e vou continuar usando um ano toda vez que morrer uma pessoa d'aqui ou que eu conheço. Porque alma é bicho que mete medo, sabe!? Ela persegue o sujeito p'ra pedir vela, reza, e tudo mais. Principalmente, quando é uma alma penada, como foi os caso do cumpade Gervacio: ele levou umas carrera das almas lá no cemitério. Na época era ele que cavava as covas, sabe?! Só depois que ele morreu é que o Bráz, filho dele, passou a abrir as covas aqui, sabe?! Mas num foi só uma vez não, foram muitas. Ele só vivia sendo perseguido pelas almas, até dentro de casa elas vinham. O Braz mesmo, só vive sendo perseguido por elas; quase toda vez que ele abre uma cova, elas aparece para reclamar, e corre atrás dele. É por isso que eu uso o alho roxo, tem de ser roxo, porque o alho branco ela não tem medo não; alma só tem medo de alho roxo! Por isso tem de ter esse alho no bolso, porque se não ela aparece, sabe?!

(Luís Tota) – Acredito, sem sombra de dúvida. Porque não devia de acreditar? É normal, todo mundo tem alma e o cemitério ta cheio delas. Basta ir lá, meia noite, sozinho, com uma vela, pois alma quer é vela, né! Mas p'ra mim não dá com alma por aí, eu me previno com o alho roxo, sabe?!

(Gerluce) – Sim. Todo mundo tem alma. Todo mundo é cristão. Tenho medo. Apesar de nunca ter visto, mas eu tenho medo. Mas eu uso alho roxo p'ra evitar o aparecimento de alma, sabe?!

(Janete) – Eu acredito. Eu tenho medo, ela é assombração.

(Oswaldo) – Claro que a alma existe. Só não podia existir se ninguém tivesse alma, mas todo mundo tem. Eu tenho medo. Nunca vi, mas tenho medo. Eu uso alho roxo p'ra não aparecer alma na minha frente, e nem passo no cemitério de noite, sozinho, e nem passo de noite com vela acesa, porque se não, elas vem sabe?!

(Zefinha de Né) – Sim, minha filha, a alma da gente é sagrada. Somos filhos de Deus e por isso todos tem alma. Se não tivesse, como é que ia para o Céu, ou para o inferno. A alma é tudo; é a nossa vida de cristão, é aquilo que Jesus pede de volta quando a pessoa morre. Eu não tenho medo, não! Muitas almas me apareceram, sempre pedindo oração e

eu sempre atendo quando elas aparece. Já vi muitas, tanto da minha mãe, quando eu era nova, como também dos meus cinco filhos que morreram, como de outras pessoas; atendo todas, é meu dever, né?!

(Eryka) – Você tem medo da morte?

(Maria Divina) – Já tive muito, quando era nova, mocinha, sabe?! Mas hoje, já não é tanto. Acho que já estou pronta para encontrar Nosso Senhor Jesus.

(Geruza) – Sim. Tenho muito medo, principalmente por causa dos meus filhos que ainda são crianças. Não quero morrer agora, não. Morro de medo da morte.

(Inácio) – Só tenho! Morro de medo de morrer, ainda mais na minha idade; Deus me livre!

(Braz) – Tenho. Se eu dissesse que não tenho medo da morte, como eu dizia antes, eu estaria mentindo, sabe?! Tenho sim.

(Marenilson) – Vixe, Maria! Eu não gosto nem de ouvir isso! Quem não tem medo da morte? Todo mundo tem. É mentiroso quem diz que não tem!

(Quitéria) – Não. Hoje já não tenho, mas antes eu tinha. Na hora que Jesus me chamar eu estou pronta p'ra ir.

(Francisco Alves) – Eu tenho muito medo da morte porque não se sabe p'ra onde vai depois que morre, né! Se é p'ro Céu, ou se é p'ro inferno. E também esse negocio de sete palmos de terra na cara não é bom, não! Olhe, a morte é uma coisa muito feia, viu! Eu não nego; tenho muito medo da morte.

(Luís Tota) – Eu tenho, sim. Ninguém quer morrer, né! Virar alma penada por aí, não, não eu tenho muito medo da morte.

(Gerluce) – Sim. Morro de medo. É porque é uma coisa desconhecida, sabe?! É uma coisa muito horrorosa, dá medo todas essas coisas de velório, reza, caixão, e tudo mais. É muito triste a morte, eu tenho medo, sim.

(Janete) – Eu não quero morrer, não. Eu fico com medo do caixão.

(Oswaldo) – Tenho. E quem não tem?! Deus me livre, não gosto nem de ouvir essa palavra!

(Zefinha de Né) – Eu tenho, porque ainda não estou preparada para morrer, para encontrar Nosso Senhor Jesus. Tenho medo de morrer, por isso.